



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

CURSO DE PEDAGOGIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UnB

A concepção dos professores sobre o fracasso escolar

Jéssica Rosa Marques

BRASÍLIA, Dezembro de 2014



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

A concepção dos professores sobre o fracasso escolar

Jéssica Rosa Marques

BRASÍLIA, Dezembro de 2014

A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia, à Comissão Examinadora
da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília, sob a
orientação da professora Maria Emília
Gonzaga de Souza.

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza (orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Otília Maria Dantas (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá (Suplente)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Dedico este meu trabalho final de curso a todos os meus professores da Faculdade de Educação, do Ensino Médio e do Ensino fundamental anos iniciais e finais que auxiliaram na minha formação que é a base de meu estudo e na constituição do meu ser.

Dedico ,também ,aos meus amigos e amigas que sempre estiveram à disposição para ajudar em tudo.

Dedico, principalmente, a minha família, que é minha base por toda minha a vida.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Educação que contribuíram significativamente na minha formação. Aos meus pais que deram força e apoio durante a trajetória no curso de Pedagogia. Aos meus amigos e amigas que estiveram comigo em todos os momentos no curso de Pedagogia.

RESUMO:

O objetivo geral da pesquisa é analisar e compreender a concepção do professor sobre o fracasso escolar. A nossa sociedade ainda continua com o crescente número de alunos que não conseguem concluir a educação básica ou que não a concluem com êxito e ou com as aprendizagens necessárias e esperadas, por diversos motivos. A pesquisa foi elaborada qualitativa e quantitativamente, e a técnica utilizada para o levantamento dos dados foi o questionário e para a análise o diálogo com base teórica com os autores Patto, Luckesi e Paro . E as principais percepções resultantes deste trabalho foi que parte dos professores compreendem que o fracasso escolar é um problema complexo e que a própria sociedade é culpada enquanto outra parte crê que o fracasso escolar está vinculado a alguns fatores estritos, como a família e o aluno.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Professores. Educação brasileira.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1-METODOLOGIA E PRÁTICA – INTERLOCUÇÃO NECESSÁRIA.....	14
1.1-TEORIA E PESQUISA: UMA CONSTRUÇÃO CONJUGADA COM O DIÁLOGO..	16
2- ENTRE O CONTEXTO HISTÓRICO E A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.	17
2.1- FRACASSO ESCOLAR TRABALHADO EM SALA DE AULA.....	27
3 – O ERRO: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE	33
4 – RELAÇÃO DA CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O FRACASSO E A SUA PRODUÇÃO COMO RESULTADO.....	41
4.1- A PORTA DE SAÍDA PARA O FRACASSO ESCOLAR SEGUNDO OS PROFESSORES.....	48
4.2- PRINCIPAIS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O FRACASSO ESCOLAR DE ACORDO COM OS PROFESSORES.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE.....	56

MEMORIAL

Nasci em Brasília e sempre morei na cidade satélite Núcleo Bandeirante. Minha família é de Minas Gerais e tanto minha mãe quanto meu pai só tem o ensino fundamental, anos iniciais. Tenho uma irmã mais nova que abandonou os estudos no início do ensino médio em 2013, hoje não pensa em voltar a estudar, pois não acredita que a escola possa ser importante para sua vida, somente o certificado de conclusão do ensino médio ela deseja possuir.

Aos seis anos de idade, eu entrei na escola pública chamada Centro de Ensino Fundamental Metropolitana que ofertava desde educação infantil até a 8ª série, hoje 9º ano. Foi apenas com sete anos de idade que fui aprender a ler e escrever. Lembro-me claramente das minhas professoras, todas elas mulheres, que sempre me elogiavam nas reuniões dos pais, dizendo que eu era muito comportada, que não conversava durante as aulas, não aprontava no recreio, sempre fazia os deveres de casa e nunca arranjava briga com ninguém. No entanto, somente uma reclamação que eu sempre escutava era da minha péssima memória em decorar a tabuada, isso me atormentou até o final do ensino fundamental, pois no ensino médio o foco era raciocínio lógico, e, assim, era permitido utilizar calculadora.

Depois que passei do ensino fundamental anos iniciais para anos finais, senti uma forte mudança em relação à troca constante de professores, mas felizmente consegui me adaptar rápido, com conteúdo maior a ser estudado, precisei em certas disciplinas de aula de reforço caso quisesse ser aprovada, e, ao mesmo tempo, o elogio nas reuniões ainda permanecia, e eu pensava, como é possível me elogiar tanto se não consigo sequer acompanhar todo o conteúdo? Na 5ª série, hoje 6º ano, infelizmente fiquei em recuperação em matemática, e, conseqüentemente, passei as minhas férias estudando para, no mínimo, conseguir passar na prova de recuperação de matemática, e, após fazer a prova, consegui ser aprovada e percebi que para passar de ano não era suficiente apenas ser dedicada nos estudos somente em sala de aula, mas, também, em casa, caso almejasse por uma aprovação para finalizar esses longos anos de estudo.

No ensino médio cursei em outra escola também situada na cidade em que moro, chamada Centro de Ensino Médio do Núcleo Bandeirante, já que era a única escola pública que ofertava nível médio no Núcleo Bandeirante. Cursei os três longos anos nessa escola. A minha rebeldia aumentou por vários motivos, tais como o aumento das

matérias que eu não conseguia ver sentido em estudá-las, e, principalmente, da obrigatoriedade de realizar educação física em uma quadra que não era sequer coberta, e, para piorar, as atividades eram sempre realizadas perto do almoço, com forte sol. Desse modo, comecei a faltar muito as aulas de educação física, e as outras matérias que não gostava, simplesmente ficava no fundo da sala conversando com meus outros colegas, já que não tinha nem um pouco de interesse. Somente nas aulas da área de humanas que eu gostava de escutar os professores e ler a respeito sobre o assunto, inclusive eu pegava livros na biblioteca da escola para ler algo a respeito de algum conteúdo que me interessava na aula sem nenhum professor pedir ou alertar que iria cair na prova, eu simplesmente tinha vontade e interesse em me aprofundar no assunto por algum motivo que eu ainda desconhecia.

Ao final do ano do Ensino Médio, estava prestes a reprovar e meus pais foram chamados pela diretora da escola no meio do ano. Minhas notas estavam muito baixas em algumas disciplinas e ainda havia muitas faltas nas aulas de educação física, já que eu fugia para ficar na biblioteca me aventurando nos livros. Depois de uma longa conversa da minha família com a orientadora e diretora da escola, precisei me esforçar muito para poder passar com a média no mínimo para ser livre. Felizmente consegui passar.

Ao sair do Ensino Médio, fui direto para cursinho pré-vestibular, pois não tinha competência o suficiente para realizar a prova para qualquer curso na UnB, além de não saber o que queria cursar, e não tinha condições financeiras para ingressar numa faculdade privada.

No entanto, foi somente no cursinho, por meio de teste vocacional, que conheci vários cursos que se encaixavam ao meu interesse, todos eles na área de humanas, como previa, e foi somente pesquisando a fundo esses cursos que fui encontrar o curso que encaixava com todas as minhas expectativas, que era pedagogia.

Durante a minha trajetória no cursinho pré-vestibular, a principal lição que aprendi foi a ter autonomia nos estudos, ou seja, não esperar o professor pedir para realizar tarefas e depois esperar corrigir ou estudar certos assuntos que o professor provavelmente não abordaria, e, ainda, esperar o professor dizer que você aprendeu o conteúdo. Pois no cursinho, já que as turmas eram muito grandes e lotadas, o professor praticamente só fazia exposição do conteúdo e cabia ao aluno correr para suprir as suas necessidades em relação à aprendizagem e fazer constantemente uma autoavaliação. Depois de um ano, consegui passar no curso de pedagogia na UnB.

Em relação a minha irmã, a sua relação com a escola nunca foi muito boa, já que no primeiro ano que ela entrou, aos 7 anos, ela reprovou e depois que conseguiu passar para a 2º série, reprovou novamente. Depois conseguiu passar e foi na 7º série que novamente reprovou, e, chegando ao ensino médio, minha irmã já não tinha tanto interesse em prosseguir, já que estudava de manhã junto com alunos bem mais novos que ela, e, assim, largou os estudos durante um ano e prometeu voltar a estudar no ano seguinte a noite na turma da EJA.

Passando o ano, ela se matriculou na turma da EJA na escola pública, e depois de três meses frequentando a escola, decidiu parar, dizia que não ia conseguir acompanhar os estudos, que tinha medo de voltar para casa no escuro, e que não tinha nenhum pouco de vontade de dar prosseguimento nos estudos. Hoje, ela deseja concluir os estudos no próximo ano (2015), e que seja numa escola supletiva particular à distância, para que, assim, possa estudar em casa e ir para a escola somente para fazer provas. Enquanto isso, já se passaram dois anos que minha irmã não estuda e não trabalha, passando todo tempo dentro de casa de frente para com o computador, mas afirma que voltará a estudar algum dia.

Portanto, diante das minhas experiências com a escola pública e com a vivência da minha irmã, percebo que a escola está pouco preparada para atender às diversidades que cada aluno possui e, também, aos seus interesses, tornando-a pouco atrativa, pouca relação com o contexto dos alunos, e um ensino pouco pautado no real interesse do aluno em suas vivências, logo, ao longo desses anos de experiência como estudante, vejo a necessidade de a escola enfrentar o fracasso escolar que em maior parte começa desde o momento que o aluno entra na sala de aula e se sente indiferente e ainda estigmatizado por ser um mau aluno.

APRESENTAÇÃO

A escola é uma das principais instituições que há séculos faz parte da constituição e formação do sujeito, é um caminho que a sociedade deseja que os seus futuros cidadãos percorram, cuja finalidade depende do contexto sócio-temporal. Hoje, a finalidade está baseada em leis e discurso, e apoiado em formar cidadãos autônomos e críticos, cujo principal objetivo, explícito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996, é no desenvolvimento integral do sujeito englobando primeiramente, a aprendizagem na fase inicial da criança que é a formação no nível cognitivo pautado no ensino com relação direta em seu contexto social, qualificação para o trabalho que é concebida como um processo em que a ciência e trabalho coincidem e, por fim, o preparo para o exercício de cidadania que é centrado na condição básica de ser cidadão (BRASIL,1996). E será mediante a Educação Básica obrigatória que o aluno poderá adquirir habilidades e competências baseadas nesses princípios, e, assim, a educação se torna uma pré-condição na preparação e exercício de uma cidadania ativa e participativa para a sociedade brasileira.

No entanto, a escola brasileira vem passando, ao longo dos séculos, por problemas difíceis de solucionar, pois, se antigamente o foco do problema eram poucas escolas públicas para muitas crianças advindas, em sua maioria, da área rural, hoje, o foco do problema está no fracasso escolar, que tem como algumas de suas causas a repetência, falta de permanência e aprovação sem aquisição do conhecimento que deveria ser aprendido e falta de desenvolvimento de habilidade e competência essenciais para o exercício de cidadania e capacidade de transformar sociedade. As poucas e ineficazes soluções para os citados fatos é facilitar a passagem de série, eliminar a reprovação ou, simplesmente, reprovar o aluno, acreditando que no próximo ano ele irá aprender todos os conteúdos curriculares, cuja principal característica é ser seletivo, hierarquizado, seriado e gradeado (ARROYO, 1997).

As principais consequências disso são desmotivação por parte dos alunos, descrença por parte dos pais e seus filhos e a falta de continuidade nos estudos por um tempo indeterminado para o prosseguimento dos estudos. Desse modo, o fracasso

escolar é comumente visto como um desafio que os profissionais da educação, políticos, familiares e, até mesmo, os próprios alunos são várias vezes responsabilizados. Tal culpa foi construída ao longo dos anos, ou seja, ora os estudiosos insistiam que os fatores estavam vinculados aos alunos, ora afirmavam que a culpa era proveniente de fatores sociais e culturais. Desse modo, Torna-se necessário solucionar ou amenizar este grande problema que tanto aflige a nossa sociedade. Por causa disso, e por perceber a relevância desse tema, procurarei investigar a concepção dos docentes sobre o fracasso escolar, isto é, o que os professores acreditam ser o fracasso escolar? Como o fracasso escolar acontece, quais suas características? Como o erro é visto em relação ao fracasso escolar? E como o professor reflete a influencia na sua prática pedagógica em sala de aula e a sua produção como resultado?

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é analisar e compreender a concepção do professor sobre o fracasso escolar, e, assim, para o melhor entendimento, a pesquisa verifica essa concepção dos professores e sua influencia na prática na sala de aula, analisa o fracasso no decorrer do contexto histórico, e as suas possíveis soluções.

Logo, percebo a importância de investigar e compreender a visão que o professor possui sobre o fracasso escolar. Pois, enquanto o fracasso escolar existir, as maiores vítimas disso, infelizmente, serão os alunos, que terão grandes consequências em suas vivências em uma realidade baseada na meritocracia.

PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

Ao longo dos tempos, a escola foi se tornando uma forte instituição para formar cidadãos autônomos e críticos, cujo principal objetivo explícito na LDB é o pleno desenvolvimento da pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

No entanto, a realidade da escola brasileira vem passando por problemas, pois, se antigamente (século XX) o foco do problema na educação eram poucas escolas para muitas crianças, hoje, o foco do problema está na falta de qualidade e permanência do aluno durante o seu trajeto na educação básica, tornando, desse modo, a sua continuidade por um tempo indeterminado para o prosseguimento dos seus estudos. Logo, percebo que o tema sobre o fracasso escolar tem merecido a preocupação por

parte dos educadores e famílias, já que os alunos são as principais vítimas desse triste fenômeno. Além disso, há também dados que comprovam o quanto o fracasso escolar é real, de acordo com os dados do INEP (2007), 41% dos discentes que entram na 1ª série do Ensino fundamental não conseguem concluir o 9º série. E no Ensino Médio, 26% não conseguem concluir. Percebe-se que há uma distorção série-idade, repetência e possíveis evasões que ocorrem na educação brasileira.

Desse modo, procurei explicações sobre o fracasso escolar em relação ao como e por que acontece, e como pode ser superado de acordo com a que o professor acredita e o que os pesquisados da área pensam a respeito. As explicações para tais indagações serão baseadas na concepção dos professores e dialogadas com as teorias, e, assim, analisar e compreender esse fenômeno que está tão impetrado na realidade brasileira se torna necessário para encontrar possíveis soluções.

O capítulo **Entre o contexto histórico e a visão dos professores sobre o fracasso escolar** trata sobre a análise das respostas dos professores sobre o que é o fracasso escolar dialogada com a história que vem construindo ao longo dos anos sobre esse tema.

O capítulo **O erro:entre o passado e o presente** tenta demonstrar o quanto a questão do erro pode contribuir para o fracasso escolar ou ser um meio para auxiliar no processo de aprendizagem do aluno.

O capítulo sobre **Relação da concepção dos professores sobre o fracasso e a sua produção como resultado** demonstra as respostas dos professores sobre o que eles acreditam e o motivo pela qual o fracasso escolar acontece e sua solução. A partir disso analiso com base teórica.

METODOLOGIA E PRÁTICA – INTERLOCUÇÃO NECESSÁRIA

A metodologia adotada nessa monografia é a qualitativa que tem como principal preocupação em compreender e interpretar o fenômeno, e quantitativa, que, mediante a medida de objetivos para se tornar uma estatística (GONSALVES, 2003).

A pesquisa segundo os objetivos é classificada como pesquisa exploratória, que tem como principal objetivo ter uma visão panorâmica sobre o tema tratado (GONSALVES,2003).

- Instrumentos de construção de dados

Para este trabalho, foi elaborado um questionário estruturado, que é definido como:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores.[...]
(GIL,p.21. 2010)

Desse modo, o questionário foi composto por cinco questões, entre elas, foram três questões abertas em que foi pedida a concepção dos professores sobre o fracasso escolar, por que ele acontece e como pode ser solucionado.

Uma pergunta fechada, que consistiu em saber sobre a relação do erro do aluno com o fracasso escolar, e, por fim, uma pergunta que consistiu em saber o grau dos fatores que contribuem para o fracasso escolar, baseado em uma escala que varia de 0 a 5. Entre esses fatores estão : Gestão escolar, Escola (estrutura física e materiais didáticos), metodologia do professor, família, condições de vida do estudante, currículo escolar e avaliação.

- Modo de aplicação e participantes

O questionário foi produzido no Google Docs e ficou disponível nos grupos constituídos por professores na rede social. Desse modo, o professor tinha liberdade e tempo para responder o questionário.

Os participantes da pesquisa são 50 professores que atuam na educação infantil, no ensino fundamental dos anos iniciais e finais, e no ensino médio. A seguir, a caracterização desses professores em porcentagem:

Área de atuação: Dos 50 professores, 70% atuam na educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, 13 % nos anos finais do ensino fundamental e 18% no ensino médio.

Tempo de magistério:

De 1 a 10 anos: 51%

De 11 a 20 anos: 28%

De 21 a 30 anos: 20%

Formação:

Graduação: 76%

Pós-graduação: 24%

TEORIA E PESQUISA: UMA CONSTRUÇÃO CONJUGADA COM O DIÁLOGO

“O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.”
(FREIRE, 2011 p.133)

A forma utilizada para a apresentação dos resultados dessa pesquisa é de alguma forma inovadora, pois não separa o que foi coletado na pesquisa de campo da teoria estudada no decorrer da mesma. Há uma relação e uma interlocução entre as leituras, pesquisas teóricas e o coletado via questionário. A opção por essa forma de apresentação tem como objetivo experimentar a metodologia dialética de pesquisa que considera os fatos dentro do contexto social, com um diálogo constante entre os fatos históricos e os acontecimentos atuais. Encontrar via pesquisa teórica e os contextos atuais as determinações que o fazem ser o que é, neste caso o que causa o fracasso escolar.

Para entender o Fracasso escolar, seu contexto histórico e a influencia que vem exercendo na educação brasileira vamos mesclar estudos de especialistas (teoria) e resultados dos questionários aplicados com 50 professores, dos quais obtivemos todas as respostas.

Segundo Wachwicz (2001, p.1):

Uma das características do método dialético é a contextualização do problema a ser pesquisado, podendo efetivar-se mediante respostas às questões: quem faz pesquisa, quando, onde e para que? Não se trata de subjetivismos, mas de historicidade, uma vez que a relação sujeito e objeto na Dialética vêm a cumprir-se pela ação de pensar. As sínteses são constituídas numa relação de tensão, porque a realidade contém contradições. Assim, a totalidade, a historicidade e a contradição são as categorias metodológicas mais importantes na Dialética. Quanto às categorias simples, que se referem ao conteúdo do objeto, são definidas segundo o tema do problema a ser pesquisado.

Por isso, a opção em dialogar com autores teóricos e professores fazem parte dessas duas categorias é de alguma forma instigante e, ao mesmo tempo, inovador, rompe com alguns paradigmas de constituição de monografia. Porém, não anula os princípios da pesquisa e sua veracidade.

O CONTEXTO HISTÓRICO E A VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.

A trajetória do ensino público na história do Brasil foi marcada por avanços e retrocessos, pois, ora o ensino era debatido em favor da aprendizagem do aluno e da importância para vivenciar autonomamente em uma sociedade com ensino democrático e público, ora o ensino era deixado de lado como se fosse insignificante para a nossa sociedade. Desse modo, essas constantes rupturas serão vistas nesse capítulo possibilitará a percepção de como a cultura brasileira na área da educação foi construída com essa base histórica, e verificar que a representação social do professor sobre o fracasso escolar tem uma forte influência da cultura historicamente acumulada e reconstruída e que certos traços fazem parte da sua formação, e, conseqüentemente, da sua prática pedagógica.

Após a Proclamação da Independência do Brasil, somente em 1827, surgiu a primeira lei de educação do Brasil, que consistia na obrigatoriedade do método e da forma de organização baseados pelo “ensino mútuo” que consiste em ensinar, em maior número de alunos, usando pouco recurso em pouco tempo e com qualidade nos conteúdos que os professores deveriam ensinar (SAVIANI, 2011).

O ensino no Brasil, chamado naquela época de ensino elementar, era plenamente voltado para a classe favorecida financeiramente. De acordo com o Saviani (2011), essa lei de educação estava em sintonia com o contexto da época, ou seja, era necessário o acesso ao saberes rudimentares que iriam difundir as luzes da razão e afastar a ignorância. Além disso, os conteúdos consagrados nessa lei daria uma forte influência para os conteúdos ensinados no século XXI, que eram a leitura, a escrita, a gramática da língua nacional, as quatro operações de aritmética, noções de geometria e, por fim, noções elementares de história e geografia. Logo, percebe-se a grande influência dessa listagem de disciplinas que era e ainda continua a ser importante em nossa cultura brasileira. Neste período, o saber popular era desconsiderado no contexto da escola e, assim, eram impostos nas instituições escolares conteúdos que, em sua maior parte, não eram aproveitados pelo aluno, em sua vivência na sociedade. Enquanto que para a classe média não se tinha uma ruptura entre o contexto da escola e da família em questão dos saberes ensinados, para a classe dos desfavorecidos era possível perceber a

distância dos saberes que faziam parte da vivência do educando com os saberes escolares.

É interessante perceber que a escola de hoje ainda continua sendo um lugar que consagra somente os saberes escolares, e, inclusive, os professores que responderam ao questionário que realizei em uma das perguntas que consistia em saber o que era o fracasso escolar, e dos 50 que responderam, 16% afirmavam que o fracasso escolar é a própria escola que promove, pois ora a cultura escolar estava desconectada com a cultura do aluno, ora porque o aluno não conseguia se adaptar à escola. Vejamos as respostas dos professores à pergunta : **O que é o fracasso escolar?**

É a falta de rendimento, aprendizado e habilidade do aluno. 48%

É a própria escola que promove. 16%

É quando os objetivos não são alcançados pelos professores, escola e sistema de educação. 24%

O fracasso escolar não existe 6%

Segundo Arroyo (1997), quanto mais distante e degradada for a escola nas condições dos setores populares, mais seletiva e excludente ela será para esses alunos, e mais difícil será concretizar o emblema mais defendido durante séculos, que é a da educação democrática para todos os alunos.

Desse modo, como a educação poderá ser um instrumento de transformação social se a escola sequer consegue trabalhar as desigualdades sociais com a finalidade de tornar o sujeito autônomo e reflexivo? Voltando à primeira questão dirigida aos professores participantes dessa pesquisa sobre o que é o fracasso escolar, irei me deter nas respostas dos 16% que apontam a escola como promotora do fracasso.

“É não se adequar pedagogicamente ou legalmente dentro do espaço social chamado escola. Vivo em crise, pois acredito que a escola não atende bem aos alunos que não conseguem se enquadrar nos moldes pré-estabelecidos pelos sistemas escolares e /ou educacionais. Crise constante.”(PROFESSOR 2)

Percebe-se a aflição do professor em presenciar alunos que não são bem tratados pela escola por não conseguirem se adaptar às metodologias do professor por causa das regras e normas da escola. Tornando, assim, um desconexo entre a relação do aluno

com a sua escola. Apesar de ser muito natural esse tipo de relação após a Proclamação da Independência do Brasil, ainda hoje existe.

“Fracasso escolar é quando a criança não consegue aprender mesmo com o auxílio de diferentes profissionais e o uso de diversas metodologias, fracasso que se concretiza quando a criança e/ou a família acredita que a escola não serve pra ela, pq ela não consegue avançar”.(PROFESSOR 5).

Nesta resposta, percebemos que ele vai além ao admitir que o fracasso se concretize a partir do momento que a família acredita que a escola já não serve mais para o seu filho, já que, diante de tantas tentativas que a escola e os professores fizeram para o seu filho aprender, ou seja, a família começa a perder a esperança de que seu filho possa avançar, e, até mesmo, a desconfiar da importância da escola na vida do seu filho. Logo, a opção de desistir dos estudos para trabalhar se torna uma opção muito mais viável para o futuro do estudante na visão dos pais.

Durante anos, e se perpetua até os dias de hoje, a troca da escola pelo trabalho infantil, isso foi e é um problema Brasileiro. Famílias em precárias condições financeiras e com frequentes reclamações que os professores faziam das suas crianças por considerar ter péssimos resultados, tornava a evasão a melhor opção, já que a escola de nada servia para os seus filhos. Infelizmente, essa visão ainda é frequente entre as famílias, e a evasão é uma opção muito constante na nossa sociedade e o número de alunos que não concluem a educação básica. Uma prova disso é o que indica o Relatório de Desenvolvimento 2014, divulgado pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Com a taxa de 24,3%, o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

“É a falta de espaço para o imaginário e o distanciamento da natureza nos primeiros anos escolares da criança associados a uma mecanização de atividades desprovidas de encantamento. Crio, canto e escuto respeitando cada fase de desenvolvimento das crianças e valorizo os aspectos mágicos e fenomenológicos da natureza através de canções, sons e enredos mágicos e desafiadores, provocando o interesse espontâneo e o brilho nos olhos meus e delas” (PROFESSOR 47).

Diferentemente das duas respostas de cunho social, essa reconhece o quanto que o ensino mecânico é prejudicial e desinteressante para o aluno, algo que era pouco pensado no século XIX, pois, acreditava-se que o ensino servia para preparar indivíduos

para o desempenho de papéis sociais que eram definidos pelo ensino técnico ou propedêutico que o aluno realizava de acordo com a sua classe social, ou seja, não havia a preocupação em formar sujeitos críticos e autônomos e com igualdade e liberdade de entrada no tipo de ensino que o aluno pretendia cursar. Conseqüentemente, além de a escola não considerar a experiência do aluno e nem a realidade social, ainda não permitia uma formação plena aos discentes.

Desse modo, a preocupação em pensar uma escola voltada para o interesse do aluno, com temas contextualizados e interligados com a realidade dele virá somente com o Movimento da Escola Nova, que irá permitir um ensino mais diferenciado de acordo com a necessidade de cada aluno.

Em continuidade com a questão do fracasso escolar, Saviani (2011) pondera que na primeira metade do século XIX, sob a vigência dessa primeira lei da educação, a instrução pública percorreu lentamente, e as principais críticas sobre esse insucesso dessa lei imposta, foram a falta de preparo, a baixa remuneração, a falta de dedicação dos professores, a falta de instalações físicas adequadas para a prática do ensino e a pouca demanda de serviços de inspeção das escolas, ou seja, os conteúdos curriculares continuavam sendo um importante e aliado para o progresso de uma sociedade que ansiava por uma civilização estilo europeia e apenas demandava os insucessos por fatores fragmentados, tal qual como hoje em dia, em que ora a culpa é do professor que não teve uma boa formação ou recebe-na péssimos salários, ora é porque a escola ainda não oferece uma boa estrutura.

Desse modo, conforme Saviani (2011), o método intuitivo surge como uma provável solução para resolver o problema da ineficácia do ensino, diante de sua inadequação às exigências sociais consequentes da revolução industrial que se organizava entre o final do século XVIII e meados do século XIX. Em vista disso, esse método consistia num ensino que deveria partir de uma percepção sensível, ou seja, o princípio exigia o oferecimento de dados sensíveis à observação e à percepção do aluno e assim, Saviani ressalta que:

A pedagogia do método intuitivo manteve-se como referência durante a Primeira República, sendo que, na década de 1920, ganha corpo e movimento da Escola Nova, que já iria influenciar várias das reformas da instrução pública efetivadas no final dessa década. Entretanto, a difusão da Escola Nova irá encontrar resistência na tendência tradicional representada, na década de 1930, hegemonicamente pela Igreja Católica (SAVIANI, 2011, p 140).

O método intuitivo passou a ser de grande importância para a constituição da Escola Nova e pois, a Escola Nova considerava o ensino de cunho tradicional e passivo. No entanto, é importante ressaltar que esse método era considerado na época como uma orientação que auxiliava o professor para conduzir suas aulas, e inclusive, o livro didático foi modificado totalmente e seu papel na educação passou a ser um material de apoio para o docente seguir as orientações dos modelos e procedimentos na elaboração de atividades e representavam uma prescrição para a orientação metodológica (SAVIANI,2011). Sendo assim, percebe que o foco desse método era em relação a prática de sala de aula do professor, que defendia um manual para dar prosseguimentos em suas aulas e assim tornar o ensino muito mais eficaz.

Apesar de a Escola Nova ter sido muito influenciada por esse método, pode-se perceber um caráter mais democrático, e muito mais preocupado com o aluno, que, fundamentalmente, começa a vê-lo com um sujeito único e com potencialidades diferentes.

Com efervescência nos anos 1920 e 1930, da Escola Nova, de acordo com Patto (1990) esse movimento foi baseado nos princípios educacionais europeus e norte-americano, e se acreditava que a escola era uma instituição de vanguarda nas mudanças sociais democratizantes, no entanto, não houve resultados de imediato em relação ao panorama da educação brasileira, e, assim, essas ideias só poderiam ficar restritas ao plano das ideias e da legislação, e, conseqüentemente, não se traduziu em mudanças políticas e sociais concretas.

Em relação ao fracasso escolar, esse movimento acreditava que o aluno não era o culpado pelas suas dificuldades de aprendizagem, mas os métodos de ensino que os professores aplicavam em sala de aula. É reconhecida a especificidade que cada ser possui, as tarefas pedagógicas seriam eficazes caso desenvolvesse ao máximo as potencialidades do aluno por meio de um trabalho que conduzisse o curso natural do desenvolvimento da criança (PATTO, 1990). Percebe-se que a principal solução do fracasso escolar seria a adequação dos métodos de ensino às especificidades dos alunos, para que assim, o aluno pudesse compreender o conteúdo e participasse ativamente da sociedade com esses saberes adquiridos, transformando-a.

Diante da grande influencia que a Escola Nova incorporou na nova forma de ver o aluno, em pleno século XXI, a maior parte dos professores começa a perceber o aluno como um sujeito singular que possui diferentes modos de aprender, e que a maneira de ensinar, as metodologias e as avaliações não devem ser abordadas de forma igualitária em todas as turmas, por não serem essas turmas homogêneas, é o reconhecimento das diferenças e da não existência de turmas homogêneas.

Diante dessas variadas concepções sobre o fracasso escolar, a categoria sobre *a falta de rendimento, aprendizado e habilidade do aluno*. 48%. Crê que o aluno tenha que comprovar que adquiriu todo conhecimento e competência em somente um ano, pode-se inferir que o professor acredita que o sistema seriado é eficaz, e que o aluno tem um tempo pré-determinado para aprender, se não conseguiu deve repetir tudo novamente. É a questão da avaliação pontual, feita em momentos específicos que se preocupa somente com o resultado e não com o processo.

É claro que a mudança do seriado para outro sistema (ciclos ou progressão automática) não depende somente do professor. No entanto, podemos inferir que o professor respondente aparentemente deixou implícito que a seriação tem relação com o fracasso escolar produzido intensamente durante anos, pois os 48% dos professores afirmaram que o aluno pode obter o conhecimento somente no ano em curso. A seguir, algumas respostas desses professores:

“O fracasso escolar é uma soma de obstáculos que culmina na reprovação do aluno ou o aluno sem domínio do conteúdo. O professor pode trabalhar de forma mais dinâmica para que seu aluno apreenda conceitos, fazendo uso de um bom material concreto. O professor precisa perder essa mania de fazer seus alunos decorarem formulas e respostas inteiras.”(PROFESSOR 50).

“O fracasso escolar é quando a criança não avança nas etapas que precisa em sua vida estudantil, ou seja, não aprendeu, se desmotivou por qualquer motivo... Eu uso em minhas aulas muito o lúdico, a música, as brincadeiras sem estressar ou traumatizar as crianças, pois cada uma tem seu momento de aprendizagem e seu insight.”(PROFESSOR 49).

É o não aprender pelo aluno, respaldado por fatores internos e ou externos e que causam baixa auto estima, evasão e até comprometimento psicológico devido ao fato do aluno se sentir inferior, impotente e se julgar incapaz de aprender. Trabalho esse aspecto trabalhando primeiro a sua auto estima, mostrando que ele é capaz independente de qualquer coisa. Procuro direcionar o olhar com afeição, responsabilidade e compromisso com o meu trabalho que objetiva resultados positivos e que respeita o ser humano acima de tudo!”(PROFESSOR 36).

Essas 3 respostas dos professores sobre o fracasso escolar demonstrou o reconhecimento de que existiam obstáculos que podem influenciar na aprendizagem do aluno, e que, conseqüentemente, o aluno terá um rendimento esperado pelo professor e que irá culminar na sua reprovação. No entanto, por que as dificuldades de aprendizagem do aluno só podem ser sanadas em 1 ano? Por que todos devem aprender ao mesmo tempo? E porque a reprovação paradoxalmente, é, ainda, solução para o aluno que não conseguiu provar ao seu professor que está apto a cursar a seguinte série?

A repetência serve como mecanismo regular para lidar com os complexos fatores tanto fora ou dentro da escola que possa de alguma forma inibir o ensino e a aprendizagem.

As alternativas que possam respeitar o tempo de aprendizagem do aluno, como a os ciclos ainda são mal vistos pelos familiares e professores, na maioria das vezes é porque ainda não compreendem a funcionalidade desses dois sistemas. E a principal resistência está na ideia de que o aluno pode avançar do ano mesmo sem ter atingido os objetivos esperados pela escola.

Logo, ao se pensar numa educação como direito, é inerente pensar em sistema de progressão continuada e ciclos de aprendizagens em todas as escolas públicas, pois os ciclos permitem diminuir, parcialmente ou totalmente, a reprovação, a organização da escolaridade permite mais tempo para o aluno aprender, e a avaliação classificatória passa ser substituída por avaliações de caráter diagnóstico, contínuo e formativo (MAINARDES, 2009).

Em continuidade da questão sobre o que é o fracasso escolar, 24% afirmaram que é quando os objetivos do professor, da escola e do sistema da educação não são alcançados.

Libâneo (1994) no seu livro Didática, afirma que o professor deve se posicionar criticamente para explicitar no planejamento escolar e no desenvolvimento das suas aulas para que possam estar conectadas a legislação e o contexto do aluno, pois os objetivos educacionais têm três referências, que são os valores e ideias vindos da legislação, os conteúdos básicos das ciências e as necessidades da formação cultural,

decorrentes da vida do aluno. Desse modo, o mesmo autor afirma que “essas três referências não podem ser tomadas isoladamente, pois estão interligadas e sujeitas a contradições” (1994, p. 121). Mediante o posicionamento do professor é que irá tornar os seus objetivos mais significativos para os alunos, já que não existe prática educativa sem objetivos. Diante disso, apresento alguns comentários desses professores para melhor analisá-los.

“Fracasso Escolar é quando os objetivos do professor não são alcançados em sala de aula. Procuo sempre aprimorar meu conhecimento e buscar estratégias diferentes ao abordar o mesmo conteúdo.” (PROFESSOR 14).

“Na minha concepção, fracasso escolar é quando todos os envolvidos na educação, não conseguem atingir os objetivos propostos. Na minha sala de aula, procuro sempre reavaliar a minha prática e tento fazer com que tanto a escola quanto os alunos e seus responsáveis tenham clareza de seu papel na educação, evitando assim que não alcancemos o objetivo que é o sucesso da aprendizagem.” (PROFESSOR 9)

“O fracasso muitas vezes atribuímos ao aluno erroneamente, no entanto, em sua maioria está no professor. O não fazer o seu trabalho direito e o não acreditar que é possível uma educação pública de qualidade (nesse caso, pública). Devemos sair da nossa zona de conforto, nos qualificarmos mais. O aluno não possui o nosso conhecimento se soubesse não seria aluno, ele não tem a obrigação de chegar na escola sabendo, o professor está ali para ensiná-lo.” (PROFESSOR 21)

“O fracasso escolar, na minha opinião, é quando não conseguimos atingir os objetivos propostos, não obtemos sucesso no planejamento. O fracasso escolar, deixa sequelas na vida dos educandos.” (PROFESSOR 30)

Diante das respostas desses professores, percebe-se que o fracasso escolar é transferido de um ator para outro, mas que frequentemente o professor reconhece que ele é o principal ator que tanto pode contribuir quanto reduzir o fracasso escolar.

Outro ponto que chamou minha atenção é a questão do sistema, da política educacional, que tem tanto a influenciar o fracasso escolar, mas que não é reconhecido por esses professores, que tanto se culpam por não terem alcançado os objetivos definidos provavelmente pelo sistema educacional, e aceitam passivamente os objetivos que devem ser alcançados ao final do ano letivo.

Um ponto que é relevante é o reconhecimento que o professor tem da necessidade de ter uma formação continuada, haja vista que é mediante a formação que irá possibilitar refletir e reorientar a sua prática.

Outro aspecto que vejo de relevante é a resposta do professor que afirma que o fracasso escolar não é somente do aluno, é, na verdade, da própria escola, da família, da sociedade em geral. Fracasso esse que o aluno se torna uma vítima dessa complexidade.

Por fim, os 6% dos 50 professores que responderam o que era fracasso escolar, afirmaram que o fracasso escolar não existe. É de início uma grande dúvida e até mesmo inacreditável, pois, diante de tantas estatísticas que demonstram que ainda há evasão, repetência e distorção idade-série, além das vivências que qualquer professor presencia em sala de aula de escola pública, é de fato uma negação da realidade sobre o fracasso escolar e uma negação de intervenção sobre ela já que não existe. Tornando as práticas educativas, nesse caso, são baseadas no comodismo numa ilha imaginária. A seguir, duas respostas desses professores:

“Na minha concepção não há o fracasso escolar, mas a imaturidade de alguns alunos, além da condição sócio econômica na qual ele está inserido. Penso que alguns alunos às vezes não têm maturidade para prosseguir em outra etapa e deveria ficar retido nela mais um ano. Neste sentido ele teria mais um ano para sanar estas dificuldades.”(PROFESSOR 43)

“O fracasso escolar de fato não existe... existe sim uma diversidade humana muito grande onde a atual estrutura escolar não dá conta...” (PROFESSOR 20)

Apesar das duas respostas terem em comum a negação do fracasso escolar, ambas têm uma visão baseada em tendências pedagógicas diferentes. Na primeira, o professor responsabiliza o aluno do seu próprio fracasso, e ainda defende a repetência como uma solução para o aluno amadurecer e passar de ano quando deixar um pouco sua infantilidade para ter direito à continuidade dos estudos. Se deve haver retenção, é por que houve um fracasso, de quem não se sabe. Outra questão é a visão inatista, já que para haver aprendizagem, o aluno deve amadurecer e só assim talvez possa sanar as suas dificuldades.

Já a outra resposta do professor 20, apesar de ser um pouco confuso, ele de fato reconhece que há, sim, uma diversidade que cada sujeito se constitui e assim a escola não consegue se adequar com tantas diferenças que os alunos expressam na escola. No entanto, para compreender melhor o porquê esse professor não acredita que o fracasso escolar não existe é necessário saber o que é de fato o fracasso escolar, e, a partir disso, poder compreender melhor a sua visão.

Diante de tantas interpretações sobre o fracasso escolar e a busca de compreendê-lo melhor na busca histórica da educação de forma diferente em determinadas épocas e por diversas pessoas, no entanto, qual conceituação sobre o fracasso escolar que esse trabalho irá se basear? Acredito que as interpretações sobre esse tema não são exatas, e que não é possível explicar a complexidade desse problema através de um só fator. É claro que a repetência, evasão, distorção idade-série e a conclusão da escolaridade sem nenhum conhecimento adquirido e competência desenvolvida é, sim, um fracasso escolar que está visível tanto nas estatísticas quanto nas vivências do professor, família e aluno. No entanto, acredito que para melhor compreender o fracasso escolar é necessário oferecer uma visão ampla, equilibrada e interativa entre a visão do professor e as bases teóricas, para que, assim, seja possível compreender a concepção dos professores com fundamentos.

Por fim, no século XXI, o principal lema é “aprender a aprender”, advindo da Escola Nova, que Saviani (2011) chama de Neoescolanovismo, em que define:

Com efeito, deslocando o eixo do processo educativo do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para espontaneidade, configurou-se uma teoria pedagógica em que o mais importante não é ensinar e nem mesmo aprender algo, isto é, assimilar determinados conhecimentos. O importante é aprender a aprender, isto é, aprender a estudar, a buscar conhecimentos, a lidar com situações novas. E o papel do professor deixa de ser o daquele que ensina para ser o de auxiliar o aluno em seu próprio processo de aprendizagem (SAVIANI, 2011, p.432).

Por esse motivo, em consequência de um mundo atual que vivenciamos, o sujeito necessita de um ensino em que possa atuar ativamente numa sociedade caracteristicamente globalizada e que o mundo está em constante e rápida transformação. Além disso, a escola já não pode mais focar somente nos conteúdos, na informação, pois o mundo está totalmente envolvido pelas mídias e internet que já dispõem ao aluno informações rápidas a qualquer momento. E assim, percebe-se que inclusive nas leis já vêm a orientação para seguir esse viés, como por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais, que serve como referência à montagem dos currículos de todas as escolas, que é hora de capacitar para adquirir novas competências e novos saberes nesse complexo mundo que vivemos atualmente.

Portanto, com as constantes mudanças que vem ocorrendo nas escolas, percebe-se que o fracasso escolar ora é culpa do aluno, tanto pela sua genética ou pela sua carência

cultural, pelo seu desinteresse, ora é do professor que não tem boa formação ou recebe péssimos salários e ainda da família que é culpada por não oferecer educação o suficiente para os seus filhos. Hoje em dia, percebo que o fracasso está na sociedade e na escola que não consegue pelo menos ser contextualizada de acordo com a vida do aluno, ou seja, a escola estaria em crise, e o aluno estaria na constante tentativa de se adaptar a ela, e assim, na fala de Sibília :

[...]a escola está em crise. Por quê? Os fatores que levaram a essa situação são inúmeros e sumamente complexos, mas um caminho para compreender os motivos desse mal-estar consiste em recorrer à sua genealogia. Ao observá-lo sob o prisma historiográfico, essa instituição ganha os contornos de uma tecnologia: podemos pensá-la como um dispositivo, uma ferramenta ou um intrincado artefato destinado a produzir algo. E não é muito difícil verificar que, aos poucos, essa aparelhagem vai se tornando incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje. A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI (SIBILIA, 2012, p. 13).

FRACASSO ESCOLAR TRABALHADO EM SALA DE AULA

Neste mesmo questionário, em continuação à questão anterior, foi perguntado aos professores de **como ele trabalhava o aspecto fracasso escolar em sala de aula**, dos 50 professores participantes da pesquisa, somente 24 responderam a essa segunda pergunta. Desses, a porcentagem das respostas que afirmaram trabalhar com atividades diferenciadas de acordo com a necessidade do aluno é de 52%. E 32% afirmaram que trabalhavam na busca de despertar a vontade do aluno em aprender e somente 16% disseram que reavaliam a prática e aprimoram a formação com intuito de orientar sua prática educativa.

O trabalho educativo do professor em sala de aula se torna muito mais significante a partir do momento que adéqua às atividades de acordo com a necessidade do aluno, a seguir, algumas respostas desses professores sobre atividade diferenciada (52%).

“Em minha sala, assim que percebo que o meu aluno apresenta alguma dificuldade já faço uma sondagem para descobrir mais sobre o educando e o que pode estar ocasionando a sua dificuldade e passo a dar uma atenção diferenciada para ele em sala de aula e o chamo para o reforço” (PROFESSOR 28).

O olhar desse professor é o que faz distinguir e agir sobre aquele aluno, é mediante uma avaliação diagnóstica que irá dizer o que o aluno já sabe e o que precisa saber para aquele ano que está cursando. E a partir disso, o professor irá trabalhar com atividades diferenciadas e inclusive com uma aula de reforço, que apesar de ser muito criticada, ainda é usada para complementar os estudos para o aluno. Percebo que esse professor não deixa de lado o seu aluno que tem dificuldades em acompanhar a turma.

“O fracasso escolar é a consequência da má gestão da máquina administrativa de um governo aliada à má formação e capacitação dos professores e também ao desinteresse familiar de uma grande parte da população em formar jovens mais conscientes de sua importância no futuro da sociedade mundial. Tal aspecto é trabalhado por mim em classe por meio de textos, filmes, músicas, debates e vivências compartilhadas dentro de sala de aula, pois os alunos desconhecem as diferentes realidades sociais que convivem com eles no universo escolar”(PROFESSOR 42).

O professor não trabalha em sala de aula sobre o aspecto do fracasso escolar como uma atividade individual com intuito de fazer com que o aluno possa acompanhar a sua turma. Ele vai muito além. Pois acredita que ter uma consciência sobre a realidade social faz com que cada sujeito possa no mínimo agir e transformar o seu meio social

que está inserido, tornando-a mais democrática para todos. Infelizmente a Escola Nova não focou tanto nessa questão, mas hoje é possível ver várias tendências pedagógicas que tratam sobre esse aspecto, tais como, a pedagogia libertadora do Paulo Freire, a pedagogia libertária do C. Freinet e Miguel Gonzales Arroyo, e por fim, a pedagogia crítico-social dos conteúdos do Dermeval Saviani e Libâneo. Essas três tendências, apesar das suas diferenças e singularidades, têm em comum na crença de que a educação é instrumento de transformação social, e assim, é necessário trabalhar com o aluno a partir da sua realidade social. Outro professor afirma:

“Quando possível tento utilizar diferentes formas de emitir as informações diárias, mas sinto-me estou numa situação sem solução, apenas tento amenizar o fracasso escolar que já inicia o ano iminente.” (PROFESSOR 3).

No caso da resposta do professor 3, ele admite trabalhar com aluno com dificuldades em aprendizagem com a utilização de diferentes formas de atividades. No entanto, percebo que o professor prevê o fracasso escolar já no início do ano letivo. Isso me faz indagar: Será que o único papel que o professor tem é emitir informações? E as competências e habilidades e saberes mais fundamentados? Não é de grande importância também desenvolvê-las? E outra coisa que percebo na fala do professor é na afirmação de que o fracasso escolar já inicia no começo do ano, isto é, como é possível o professor prever o fracasso do seu aluno se nem começou a trabalhar com ele? Se nem sequer conhece o que o aluno já sabe e talvez nem saiba a realidade que esse aluno vivência e suas possíveis capacidades? É uma profecia anunciada. Logo, há uma contradição na fala do professor, pois ao afirmar que o aluno já será um fracassado já estabelece que nada tem a fazer e isso nada resolve o problema. De acordo com a Patto (1990), responsabilizar o outro é um mecanismo de defesa que o professor utiliza para se isentar das suas responsabilidades. Ou seja, a partir do momento que o professor afirma que o aluno já fracassou desde o início do ano, ele não será culpado pela futura repetência que irá surgir ao final do ano. Em consequência disso, para o professor não ficar responsável sozinho pelo fracasso do seu aluno, é indicado diagnóstico e medicalização a fim de tentar solucionar as dificuldades do aluno, acreditando que o problema é somente dele. Tal intervenção médica é muito utilizada nas escolas do século XXI, no entanto, tal intervenção já foi muito utilizada no século XX também.

Com a análise histórica, a intervenção médica tornava cada vez mais frequente como uma prática social, e que a psicologia como base começa a configurar como uma

prática de diagnóstico e tratamento de desvios psíquicos e tornando a principal solução do fracasso escolar, baseados essencialmente no diagnóstico precoce de distúrbios no desenvolvimento psicológico infantil (PATTO,1990). Percebe-se que tal intervenção médica para solucionar o problema em que se acreditava ser somente do aluno é uma prática não só frequente nesse século, mas, também, no século XXI que envolve não apenas a intervenção do médico, mais também no consumo de remédios em que se acreditam estar solucionando a dificuldade do aluno. Dessa forma, Patto (1990) analisa os dois lados desse movimento em que afirma:

Tudo indica que, ao hipertrofiar-se em suas relações com a pedagogia, a psicologia produziu suas distorções, na proposta escolanovista original: de um lado, enfraqueceu a ideia revolucionária e enriquecedora de levar em conta, no planejamento educacional, as especificidades do processo de desenvolvimento infantil enquanto procedimento fundamental ao aprimoramento do processo de ensino, substituindo-a pela ênfase em procedimentos psicométricos frequentemente visado e estigmatizadores que deslocaram a atenção dos determinantes propriamente escolares do fracasso escolar para o aprendiz e suas supostas deficiências; de outro, propiciou uma apropriação do ideário escolanovista no que ele tinha de mais técnico, em detrimento da dimensão de luta política pela ampliação da rede de ensino fundamental e por sua democratização que o movimento também consistia(PATTO, 1990, p. 63).

Portanto, percebe-se uma questão psicológica muito acentuada no movimento escolanovismo, e de como isso influenciou na questão de ver como a educação funcionava.

A Ditadura Militar geralmente é lembrada por um período de forte rigidez às novas ideias educacionais, e muita censura às opiniões contrárias ao sistema. Os principais fatores que determinaram esse regime militar foram a instabilidade política, constantes greves e manifestações políticas, e também da promessa do governador sobre a Reforma de Base, que consistia numa mudança radical na área da agricultura, economia e educação, e desse modo, a classe média receosa com essas promessas, além da possível instalação do socialismo a ser implantado no Brasil, teve uma reação significativamente forte, de um modo especial da classe média, da Igreja Católica, dos setores conservadores e dos militares brasileiros que apoiaram intensamente a Ditadura Militar.

As principais características dessa época foram a repressão aos movimentos sociais e manifestações da oposição, que eram fortemente reprimidos e perseguidos, censura

nos meios de comunicação, em que as informações que eram transmitidas eram de acordo com que as autoridades considerassem apropriado à sociedade, confronto com os militares e muita violência, e por fim, o chamado “milagre econômico”, em que houve um grande crescimento na área da economia.

Em relação à educação nessa perturbadora época, Germano (2005) afirma que a base da educação na ditadura militar era transformar a política educacional numa estratégia de hegemonia para veicular a obtenção de consenso ideológico, e assim, ele cita alguns dos principais eixos que a política educacional se desenvolveu que são: o controle político e ideológico da educação em todos os níveis, instalação de uma relação direta e imediata de acordo com a teoria do capital humano e por fim a grande valorização das escolas privadas e pouco investimento em escolas públicas e gratuitas, desse modo, o Regime delega e incentiva a participação do setor privado na expansão do sistema educacional e desqualifica a escola pública.

Desse modo, grandes mudanças ocorrem na concepção sobre a função da educação, baseado na pedagogia tecnicista, já que a ditadura militar irá estabelecer uma relação direta e imediata da subordinação da educação à produção. De acordo com Saviani (2011), a pedagogia tecnicista procurou planejar a educação de forma que obtivesse uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência, e assim, operacionava os objetivos e mecanizava os processos. E assim, a grande proliferação nessa época de propostas pedagógicas com enfoque no microensino, a instrução programada, tele-ensino entre outros. E assim, Saviani compara essa pedagogia tecnicista com as outras que foram abordadas aqui dizendo as semelhanças e diferenças entre elas em que:

Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor, que era, ao mesmo tempo, o sujeito do processo, o elemento decisivo e decisório; e se na pedagogia nova a iniciativa se desloca para o aluno, situando –se o nervo da ação educativa na relação professor-aluno, portanto, relação interpessoal, intersubjetiva; na pedagogia tecnicista o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitado, neutros, objetivos, imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção (2011, p 382).

Logo, percebe-se que o fracasso escolar na visão da pedagogia tecnicista, dentro dessa lógica em que nem o professor e nem o aluno são totalmente passivos diante da organização imposta por um especialista que não conhece a realidade da escola, terá como resultado os excluídos do ensino aqueles considerados como incompetentes, ineficientes e improdutivos, já que não são rentáveis e duráveis para o regime hegemônico. E desse modo, a responsabilidade do fracasso no processo de aprendizagem dos sujeitos com baixo rendimento é culpabilizado ora aos alunos ora aos professores.

Acredito que antes de pensar em metodologias, avaliações e atividades diferenciadas, deve-se pensar primeiramente em como irei despertar a vontade do aluno em ter sede em aprender na escola, pois a partir dessa descoberta que terá como base de todo o trabalho pedagógico que o professor irá realizar com esse aluno. Entretanto, há duas formas de abordar essa vontade do aluno, isto é, buscar interesses que o aluno já possui em sua subjetividade, e assim, explorá-lo ou fazer com que o aluno tenha um interesse despertado a partir das necessidades do mundo atual que lhe possa oferecer uma vida com condição financeira melhor. A partir disso, a reposta dos professores (32%) que afirmam trabalhar o aspecto em sala de aula a partir do despertar a vontade do aluno em aprender, buscavam primeiramente conscientizar que um bom futuro depende dos estudos e assim, essa seria a maneira desses professores despertar a vontade do aluno em aprender. A seguir, as respostas desses professores para melhor compreensão.

“O fracasso escolar se dá quando há a intenção do professor em ensinar, e prover esclarecimento, e não há uma reciprocidade por parte de sua turma. Dentre outros fatores que influenciam no fracasso escolar, tais como: péssimas instalações escolares, falta de recursos que auxiliem o professor em sala de aula, baixos salários, etc. Há também uma falta de perspectiva por parte dos alunos em relação a seu futuro e com isso ele não percebe a importância da educação na sua vida. Particularmente eu tento elucidar os alunos sobre a importância de ser um sujeito crítico em nossa sociedade e em seguida eu lhes informo sobre a importância de sua preparação para o vestibular” (PROFESSOR 29).

A resposta do professor reflete muito o cenário da educação brasileira do século XX e até os dias de hoje. Ela ainda é vista como uma preparação para a educação superior, com intensos estudos o aluno é submetido a passar no vestibular, entrar numa faculdade e sair com um bom emprego. Isso resumidamente é um processo que a maior parte dos brasileiros acredita ser o caminho ideal para a felicidade. Desse modo, o professor ratifica o papel da escola de acordo com o senso comum para incentivar e despertar o seu aluno em focar nos estudos para passar no vestibular e também que a responsabilidade do sucesso é do aluno e depende de sua dedicação. Outra vez o professor “lava suas mãos”, pois como ele diz, “*não há uma reciprocidade por parte de sua turma*”

Será que todos os alunos acreditam que esse possa ser o único caminho para ser feliz? Será que eles veem o conhecimento produzido historicamente somente para responder as questões do vestibular? Ou eles desejam simplesmente construir a felicidade com ricos conhecimentos e competências que aprenderam na escola?

Outra resposta do professor que também com esse mesmo viés:

“Considero o fracasso escolar uma doença que atingi todo o país, onde nunca os governantes se preocuparam efetivamente com a educação, deixando a população sem condições de uma formação digna para exercer a sua cidadania e enfrentar capacitado o mercado de trabalho e até um curso universitário. No dia a dia em sala de aula tento conscientizar meus alunos da importância dos estudos, q não estão na escola apenas para concluir um curso, mas sim para adquirir conhecimentos para melhorar suas condições de vida.” (PROFESSOR 24).

De acordo com esses dois professores (24, 29), a escola seria nesse caso uma grande oportunidade do aluno mudar a sua condição de vida, já que é nesse único lugar acessível que o aluno poderia obter conhecimento que poderia possibilitar um crescimento profissional, já que o certificado é muito mais importante do que o conhecimento adquirido nesse mundo meritocrático.

No entanto, essa concepção sobre a função da escola demonstra uma escola como uma instituição simplista, mercadológica e distante da sua real função, que é no mínimo formar sujeitos críticos e autônomos.

Logo, acreditar que a escola somente sirva para preparar os alunos para vestibular ou se qualificar para o mercado de trabalho apenas auxilia para o fracasso escolar do aluno, já que o aluno irá perceber que a escola não condiz com suas expectativas e

realidade, ou simplesmente aprender os conteúdos para ter acesso à universidade, mas não ter uma formação que o torna crítico e autônomo diante do mundo que vivencia.

O ERRO: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

Nas escolas, os profissionais da educação atuam de acordo com a perspectiva que têm sobre o seu papel no processo de ensino e de aprendizagem e a função da educação deverá proporcionar ao aluno os conteúdos e competências exigidas. É claro que as bases legais devem nortear essa perspectiva, mas é na longa construção de vivências e teorias que o professor terá como base a sua atuação em sala de aula. Nesse capítulo será abordado um aspecto que está literalmente ligado à sala de aula, que é o erro, algo muito comum não somente em sala de aula, mas também nos campos de pesquisa e no cotidiano de cada cidadão. No entanto, diferentemente dessas duas últimas áreas, na sala de aula o erro é tratado de forma que infelizmente prejudica a aprendizagem do aluno. E conseqüentemente, o aluno irá perceber o erro como um ato desprezado e que deve ser evitado. Desse modo, abordo essa relação, erro e fracasso, tão comum na prática educativa e ao mesmo tempo tão incoerente em relação à aprendizagem do aluno com os objetivos de formação.

De acordo com o dicionário Ferreira (2000), o erro é definido como um juízo falso, incorreção e desvio do bom caminho, ou seja, o erro é o contrário do considerado correto no meio social, que conseqüentemente é recomendado a se evitar qualquer tipo de erro, já que é visto como algo negativo. Esse tipo de concepção também é muito empregado no senso comum, que muitas vezes está atrelada à incompetência e falta de saber de quem erra. Desse modo, as expressões comum muito usadas no nosso meio social é de grande importância para a cultura brasileira e na construção de identidade de cada sujeito, e assim, as expressões populares refletem o pensamento da maior parte da concepção que o povo brasileiro carrega, já que é passado de geração para geração e assim conservando e construindo a nossa cultura. No entanto, as mudanças existem e estão sempre ocorrendo de forma discreta em nossa cultura, e talvez o modo de ver o erro esteja desconstruindo o antigo e reformulando o novo.

Abordar a questão do erro e fracasso escolar necessita primeiramente tratar do tema sobre o ciclo de ensino, que é a principal base que irá nortear a visão e a prática do professor em relação ao erro. Irei tratar duas formas diferentes entre si de se abordar o erro, uma relacionada à teoria de ensino e a outra baseada na visão que busca de um ensino significativo do aluno. A visão tradicional é muitas vezes criticada por diversos professores, especialistas e profissionais da educação, no entanto, é a mais utilizada na prática de sala de aula, tornando desse modo incoerente a práxis que Paulo Freire tanto

defende (2013). Ele afirma que a teoria sem a prática vira “verbalismo”, assim como a prática sem a teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.

Desse modo, a principal característica do ensino tradicional tão criticada e ao mesmo tempo tão praticada em salas de aulas, é :

A atividade de ensinar é vista, comumente, como transmissão da matéria aos alunos, realização de exercícios repetitivos, memorização de definições e fórmulas. O professor ‘passa’ a matéria, os alunos escutam, respondem o ‘interrogatório’ do professor para reproduzir o que está no livro didático, praticam o que foi transmitido em exercícios de classe ou tarefas de casa e decoram tudo para a prova (LIBÁNEO, 2004, p.1994).

O ensino tradicional é pautado excessivamente na transmissão dos conteúdos obrigatórios os quais o professor é o detentor dessas matérias, tornando a sua função tão somente passar ao aluno o conteúdo, que o recebe e reproduz mecanicamente o que absorveu e no exame o aluno prova que dominou o conteúdo e conseqüentemente é aprovado para a série seguinte. Ou seja, o professor não cuida de verificar se os alunos estão preparados para enfrentar um novo conteúdo ou se fará sentido na vida do aluno, portanto, o ensino tradicional é essencialmente um “faz de conta”, isto é, o professor finge que aquele conteúdo é importante para a vida do aluno e o aluno finge que aprendeu para passar de ano, tornando evidente o quão desprezado é o conhecimento e como o diploma é significativamente importante para o indivíduo.

Relacionando essa vertente com o seu modo de ver e de como deve ser utilizado na prática a questão do erro, pode-se resumir simplesmente de que o erro é uma justificativa para punir com a intenção de não ocorrer novamente. Luckesi (2005) aborda essa questão de punir o aluno cuja perspectiva sobre o erro esteja voltado tão somente para disciplinar o aluno, que tenha como principal objetivo apagar a conduta do aluno e aprenda a forma considerada correta na escola. Ou seja, o erro é uma fonte de condenação e castigo, já que é proveniente de uma culpa que os professores consideram necessário ser reparada. Conseqüentemente, produzimos e praticamos a condenação de nós mesmos e dos outros que desviam do caminho certo, isto é:

Tanto nos limitamos com nosso sentimento de culpa, castigando-nos por múltiplos e variados mecanismos de autopunições, como projetamos sobre os outros, castigando-os por seus supostos erros. A partir da culpa, assumimos uma conduta sadomasoquista: masoquista, porque punimos a nós mesmos, e sádica, porque castigamos os outros a partir da projeção de nossos sentimentos de culpa (LUCKESI, 2005, p.53).

Além da questão da punição muito praticada na tendência tradicional de educação, há também outro fator relacionado ao erro no contexto de aprendizagem que é a forma que o aluno é submetido aos

exercícios planejados pelo professor e que conseqüentemente acaba sendo julgado pelos seus erros por não acertar simplesmente uma questão de cunho conteudista e baseado na memorização e ficando de lado as competências e habilidades que são muito mais importantes para a vivência do aluno do que uma simples memorização, isto é:

O primeiro dos problemas que temos de enfrentar, se situamos o erro em um contexto de aprendizagem escolar, é o fato de que por esse termo designamos frequentemente pelo menos dois tipos de problemas completamente diferentes e que, no entanto, são tratados indiscriminadamente pelo professor. Uma resposta errada a um problema ou questão pode explicitar dois fatos totalmente distintos: a ignorância, a confusão ou o esquecimento de um dado, uma informação, ou então a ignorância ou malogro de uma operação, por meio de uma tentativa frustrada de aplicação de uma regra ou de um princípio na resolução de um problema. (CARVALHO, 1997, p. 13).

Será mesmo que uma questão errada significa que o aluno não tenha capacidade de prosseguir nos estudos, tornando sua continuidade cortada, ou até mesmo pode ser tachado de mau aluno por não conseguir acompanhar seus colegas? Enfim, em seu famoso livro constituído de diálogo, Dimenstein (2008) relembra e ao mesmo tempo se indaga sobre a sua vida escolar quando era criança e compara com a vida feliz que tem hoje, que é totalmente diferente do que seus professores acreditavam que o futuro dele iria se constituir, vale a pena ler um trecho :

Como jornalista, ganhei todos os prêmios. Ganhei todos os prêmios várias vezes. Depois, ganhei como escritor. Quando comecei a ganhar prêmios, perguntei para mim mesmo: O que deu errado? Que deu errado com as previsões das pessoas que diziam que eu ia dar errado? Iniciei essa discussão depois de trabalhar a questão da autoestima e de enfrentar uma melancolia crônica, combinada com surtos de euforia, que havia dentro de mim. Colhi depoimentos a respeito da minha vida escolar. Vários professores diziam que eu seria irremediavelmente um mau estudante, que não conseguiria cursar uma faculdade. Há registros de reuniões escolares que fui conhecer só agora. Em um deles, uma professora insistia em que eu repetisse de ano porque, na visão dela, eu era semianalfabeto. O que deu errado, qual foi o erro dessas visões, compreensíveis e justificáveis dentro das regras do jogo escolar? (DIMENSTEIN; ALVES, 2008, p.29).

Será mesmo que uma previsão escolar indica que o aluno não terá sucesso em sua vida? Ou se ao invés de querer somente julgar o aluno, porque não intervir para prosseguir no desenvolvimento cognitivo? E os conteúdos, serão eles que trarão sucesso para a vida do aluno? Será que o aluno poderá intervir na realidade com uma simples memorização dos conteúdos obrigatórios? Esses e outros infinitos questionamentos fazem parte da crítica do ensino tradicional, tão incoerente quanto os resultados esperados, que somente poucos alunos conseguem com êxito sair da escola como esperado pela sociedade, que na maioria das vezes já possui uma cultura que a escola já privilegia.

Logo, a relação entre o fracasso escolar e o erro está intimamente ligada nessa visão tradicional, ou seja, a partir do momento que o aluno começa a errar nos exercícios e nas provas, se torna um

problema que precisa ser sanado por diversos meios disponíveis na sociedade, no caso da nossa sociedade atual, as estratégias podem ser tanto para medicar o aluno por acreditar que o comportamento é o que prejudica sua aprendizagem, ou simplesmente esperar o ano passar para que a reprovação seja uma forma de punir e fazer com que no ano seguinte o aluno comece a se enquadrar caso não queira repetir de série. Isto é, o aluno se torna o centro do seu fracasso e ao mesmo tempo uma vítima por não ser igual aos seus colegas que raramente erram.

No questionário que elaborei e apliquei aos professores, quando perguntados sobre o que é o fracasso escolar, um deles respondeu da seguinte forma sobre o que seria o fracasso escolar e acredito que esteja totalmente relacionado à questão do erro e fracasso:

“O fracasso escolar é quando desistimos de construir conhecimento junto aos alunos. Quando o aluno não compreende como a massa homogeneizante que o sistema educacional determina e não responde aquilo que a escola julga correto.” (professor 1)

De acordo com a resposta, o fracasso está relacionado na desistência do professor em querer construir conhecimentos com seus alunos que não conseguem compreender conteúdos que o sistema educacional estabelece e acredita ser importante para a formação dele. A questão que ressalto é que diferentemente da visão tradicional em que se apoia no aluno as justificativas do seu próprio fracasso, é ao mesmo tempo um pouco similar, pois acredita que o professor não teve animo em se esforçar um pouco em fazer com que o aluno alcançasse o padrão considerado correto. Ou seja, será mesmo que o professor pode ser considerado culpado pelo seu desânimo e desistência em querer auxiliar na construção do conhecimento do aluno? Essas e outras indagações que faço permitem refletir o quanto a visão que o professor tem sobre o seu papel em sala de aula interfere significativamente no desempenho do seu aluno. Pois, a partir do momento que o professor acredita que o erro do aluno é algo que não está relacionado ao fracasso escolar já pode ser considerado um progresso pelo menos na sua visão de perceber a questão do erro. Além disso, assumir que o aluno não conseguiu responder o considerado correto pela escola não é culpa do aluno ou do seu comportamento ou do seu meio social também é um caminho certo. É claro que não defendo a vitimização do professor, defendo que o professor tenha consciência do seu papel em sala de aula, e que possa ao máximo contribuir para a aprendizagem do seu aluno, só que para isso acontecer é necessário que a visão do professor sobre o ensino esteja apoiado em favor do aluno, da sua aprendizagem e do seu desenvolvimento como ser humano.

A pedagogia histórico-crítica dos conteúdos valoriza o saber da experiência do aluno, defende a conjugação desse saber com o saber histórico cultural aprendido nas

escolas, para que assim, ocorra assimilação ativa do aluno e assim intervir na sua realidade.

O ensino na visão histórica crítica dos conteúdos valoriza as experiências do aluno e ao mesmo tempo acredita ser de grande importância o domínio dos conhecimentos e no desenvolvimento das capacidades cognitivas para vivenciar autonomamente em seu meio social. O ensino tem como principal função assegurar o processo de transmissão e assimilação dos conteúdos e mediante esse processo o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas, ou seja:

O ensino, assim, é uma combinação adequada entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação ativa como atividade autônoma e independente do aluno. Em outras palavras, o processo de ensino é uma atividade de mediação pela qual são providas as condições e os meios para os alunos se tomarem sujeitos ativos na assimilação de conhecimentos (LIBÂNEO, 1994, p.89).

Para que o ensino ocorra não depende somente do professor, do seu planejamento, de sua metodologia ou da vontade de ensinar, o ensino ocorrerá entre o professor que irá prover toda condição mediante o desenvolvimento do aluno, a contextualização e ressignificação de acordo com as realidades sociais do aluno que irá aprender mediante a sua assimilação ativa, isto é:

O professor propõe objetivos e conteúdos, tendo em conta características dos alunos e da sua prática de vida. Os alunos, por sua vez, dispõem em seu organismo físico-psicológico de meios internos de assimilação ativa, meios esses que constituem o conjunto de suas capacidades cognoscitivas, tais como: percepção, motivação, compreensão, memória, atenção, atitudes, conhecimentos já disponíveis. (LIBÂNEO, 1994, p. 80).

Além disso, é importante ressaltar que nenhuma criança nasce com essas capacidades cognoscitivas prontas, será mediante o decorrer da vida e do processo de ensino que irá possibilitar o desenvolvimento.

O erro de acordo com essa vertente é utilizado em favor do progresso do aluno, que a partir dele o aluno terá a possibilidade de refletir e aprender, ou seja, serve como um suporte para a autocompreensão do aluno. Luckesi (2005) defende veemente o erro como um auxiliar do aluno, ou como uma fonte de virtude, ou seja:

Reconhecendo a origem e a constituição de um erro, podemos superá-lo, com benefícios significativos para o crescimento. Por exemplo, quando atribuímos uma atividade a um aluno e observamos que este não conseguiu chegar ao resultado esperado, conversamos com ele, verificamos o erro e como ele o cometeu, reorientamos seu entendimento e sua prática. E então, muitas vezes ouvimos o aluno dizer: 'Poxa, só agora compreendi o que era para fazer!'. Ou seja, foi o erro, conscientemente elaborado, que possibilitou a oportunidade de revisão e avanço. Todavia, se nossa conduta fosse a de castigar, não teríamos a oportunidade de reorientar, e o aluno não teria a chance de crescer. Ao contrário, teria um prejuízo no seu crescimento, e nós perderíamos a oportunidade de sermos educadores (LUCKESI, 2005 p.57).

Percebe-se que o erro é utilizado em prol da aprendizagem do aluno, com a devida atenção que o professor terá com seus alunos, essa teoria poderá colocar-se em prática, no entanto, há vários obstáculos para que isso possa acontecer. Em uma das respostas dos professores participantes dessa pesquisa, quando perguntado o que é o fracasso escolar:

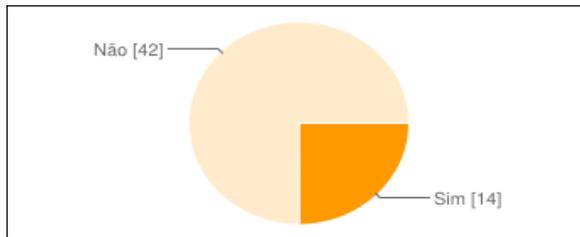
Porque a escola ainda insiste em querer moldar as pessoas a um sistema único, igualando-as o máximo que puder (Professor 49).

A escola como uma instituição que determina pelo menos parcialmente o que deve ser ensinado acaba contribuindo quando se tem a intenção de formar todos os alunos em um aluno ideal, excluindo os alunos que fogem desse padrão, e geralmente são descobertos nas provas e avaliações de cunho somativo e classificatório. Será que a forma que o professor ensina ao contribuir na aprendizagem do aluno a partir do erro pode ser prejudicado a partir da intervenção que a escola faz em busca de formar alunos competitivos e ideal? Talvez possa até prejudicar, mas como solução o Projeto Político Pedagógico (PPP) pode contribuir significativamente na intenção real que os professores e os demais profissionais que atuam na escola acreditam que a escola deve proporcionar aos seus alunos e qual a intenção de formá-los para qual propósito. Desse modo, as práticas do professor que acredita que o erro possa contribuir para aprendizagem do aluno e as intenções que a escola tem podem juntos tornar o fracasso escolar algo raro de acontecer. Outro professor que respondeu a essa mesma pergunta já aborda no âmbito da própria sala de aula e a falta de estrutura:

Quando não existe observação individualizada e a inclusão do aluno (independente da dificuldade) em salas lotadas, o aluno pode se sentir fracassado e o professor também.... Cada criança é uma criança e devemos ajuda-la a superar as dificuldades. (Professor 33).

O professor acredita que a sala de aula pode sim ser uma influencia negativa para a aprendizagem do aluno, mas não determina o fracasso escolar, tomando a necessidade do professor de dar atenção a cada aluno uma tarefa difícil e ao mesmo tempo desgastante, mas que irá contribuir para aprendizagem do aluno. O erro na visão histórico crítica dos conteúdos exige tal esforço do professor, pois cada aluno necessitará da ajuda do professor para refletir sobre os seus erros, e assim, para que possa aprender com eles.

Diante dessas duas abordagens, acredito ser de grande importância ver e analisar a opinião do professor sobre essa relação do erro com fracasso escolar. Em uma pergunta fechada, que consistia em afirmar sim ou não se o erro do aluno podia ser um indício do fracasso escolar, dos 50 professores que responderam o questionário a maioria (42) afirmou que não, como mostra o gráfico:

Tabela 1: Relação entre o erro e o fracasso escolar do aluno

*Jéssica Rosa Marques

Entre os 50 que responderam 25% disseram que há relação entre o erro e fracasso escolar contra os 75% que afirmaram que não há relação. Isso demonstra pelo menos que a maioria dos professores acredita que o erro e fracasso escolar não tem nenhuma relação, pode-se supor que talvez o erro seja trabalhado por alguns professores em prol do aluno em sala de aula, no entanto, teoricamente os professores sabem, mas talvez a prática demonstra outra realidade. Pois pode estar somente no discurso do professor, já que a práxis não é uma tarefa muito fácil. Mas a partir do momento que o professor acredita no erro como ponto a favor do aluno, cabe a formação continuada proporcionar que seja efetivada na prática de sala de aula. Um professor que respondeu a pergunta aberta sobre o motivo pela qual o fracasso escolar acontece, responde:

O fracasso escolar está na subjetividade, na forma como dirigimos nosso olhar para o outro e em como nos sentimos em relação às pessoas que consideramos de classes inferiores. O fracasso está nos sistemas, no currículo oculto, nas avaliações. Numa sociedade dividida em classes, o professor representa aquele que detém o saber. O fracasso, então, aparece na forma de ensinar. Paulo Freire afirma que ensinar não significa simplesmente transmitir conhecimento, é troca, é diálogo, é aprendizado. Aprender ensinando e ensinar aprendendo, é como penso que se pode trabalhar esse aspecto em sala de aula, com trabalho e pesquisa (Professor 2).

Pode-se analisar que no discurso desse professor, o fracasso escolar envolve não somente a relação professor-aluno, engloba muito mais elementos que possam interferir na aprendizagem do aluno, mas o que me chamou atenção foi o fato desse professor reconhecer a importância que o docente tem em oferecer ao seu aluno. Pois na relação entre docente e discente há sim o envolvimento dos sentimentos que o professor queira

querer fazer com que o seu aluno aprenda. Há sim a vontade do professor em querer fazer o seu papel como mediador.

Por fim, esse capítulo, acredito ser de grande importância citar um educador que deu início à mudança de concepção e do uso do erro em prol da aprendizagem do aluno, Piaget, ele afirmou e comprovou que o erro pode servir para construção do conhecimento do aluno. Taille (1997) faz uma coerente relação entre erro e aprendizagem baseado no Piaget, em que afirma que o erro somente terá valor como uma fonte de enriquecimento se o aluno observar e ter acesso à qualidade de seu erro, além disso, torna-se observável somente quando estiver no nível de desenvolvimento do aluno, para que assim possa tornar uma aprendizagem possível. E por fim, o erro somente terá um valor no processo de aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, o professor precisa “encorajar as várias e inteligentes tentativas dos alunos acharem as respostas certas, as teorias corretas, os procedimentos eficazes; devemos dar valor a seus erros” (TAILLE, 1997, p.38).

Portanto, é por meio das diversas formas que o professor encara o erro do aluno, que irá possibilitar crescimento ou não, influenciará de forma positiva ou negativa a vida do estudante durante o ano letivo, caso o professor tenha a concepção do erro como apenas em um demonstrativo do que o aluno não aprendeu e se ele não fizer nenhuma intervenção, provavelmente a aprendizagem significativo do aluno será baseada em números que irão dizer o quanto que ele aprendeu e no que é capaz pelo menos naquele momento. No entanto, caso o professor acredite que o erro é um caminho inicial que o aluno irá trilhar rumo à aprendizagem construtiva, ao final do ano, provavelmente o aluno estará muito mais preparado para continuar os seus estudos. Portanto, o erro possui vários conceitos, que podem ser de inclusão, de construção ou de uma visão da incompetência do outro, refletindo diretamente no processo de aprendizagem, sendo fator decisivo para o sucesso ou fracasso. A concepção que o professor tem do erro é fundamental no processo avaliativo que irá realizar com o aluno.

Assim, é necessário acreditar que o erro é um forte aliado para a construção do conhecimento, em que proporciona ao aluno refletir e procurar novas estratégias para se chegar aos objetivos propostos, dessa forma, cabe ao professor incentivar o aluno a ter um constante interesse como se o erro fosse um motor a impulsionar o seu conhecimento. Pois o que queremos é um ensino pautado na autonomia do aluno.

RELAÇÃO DA CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O FRACASSO E A SUA PRODUÇÃO COMO RESULTADO.

A concepção de mundo que cada sujeito constrói ao longo das suas vivências traz relevantes significados que podem ser traduzidas em seus atos, comportamentos e atitudes, estes são orientados por crenças e concepções que os resultam em suas vivências e são produzidos na vida real, ou seja, a concepção do ser humano como um sujeito histórico é constituído por constantes construções que realiza durante sua vivência no meio social que terá forte influencia em sua maneira de vivenciar e ver o mundo.

Consequentemente, o ser humano precisa ter em mente que a concepção de mundo que carrega poderá se basear nas causas e nas futuras consequências que estão juntas desde o momento que o ser humano é considerado um ser autônomo. A causa muitas vezes pode explicar os produtos dos seus atos, e assim, refletir e pensar no que poderia ter dado certo ou ter melhorado são condições fundamentais por uma prática envolvida com autonomia e reflexão. No caso do professor, que a todo o momento precisa refletir em seus atos originados intencionalmente ou espontaneamente, sérios fatores podem influenciar a sua relação com seus alunos, pois:

O papel do professor e de suas características tem sido amplamente reconhecido como um dos principais fatores que influem sobre a qualidade das relações professor-aluno e da aprendizagem dos alunos na escola. O conhecimento acadêmico e metodológico dos professores é tradicionalmente defendido como relevante para uma prática pedagógica bem sucedida. Entretanto, pesquisas mais recentes sobre o ensino e aprendizagem passaram a considerar as crenças, as expectativas, os sentimentos e as habilidades de professores de forma mais orgânica e integrada com a prática pedagógica e seus produtos. Portanto, esses aspectos podem afetar as características das relações professor-aluno e, por essa via, o desempenho e o rendimento dos alunos (MARTINI, 2002, p. 149).

E concomitantemente com essa intervenção que irá constituir a relação professor-aluno, é com a experiência e a própria trajetória de vida do professor em sua formação acadêmica, que podem influenciá-lo fortemente na sua construção da concepção que terá sobre fracasso escolar, e consequentemente, em sua ação em sala de aula, pois:

As atribuições de causalidade para o sucesso e fracasso escolar, interpretadas nas dimensões da causalidade, influenciam as expectativas, as emoções, a motivação para a aprendizagem, as características das relações professor-aluno e o desempenho de professores e alunos (MARTINI, 2002, p. 149).

Logo, percebe-se que a maneira de conceber o significado do fracasso escolar está intimamente ligada à concepção de vida escolar de quem se propõe a analisar e entendê-lo, e assim, a forte influência que a concepção do professor irá trazer para a sua sala de aula é de grande relevância para compreender as suas práticas pedagógicas permeadas de significados visualmente explícitos ou implícitos, que só mediante uma reflexão que o professor pesquisador poderá tornar sua prática em favor de um ensino muito mais significativo em prol do sucesso da sua turma. De acordo com a pesquisa de Tacca (1994), certos grupos de professores vêm contribuindo para o fracasso escolar, condicionado pela sua concepção construída através da percepção negativa do aluno, de sua família e de sua classe social. Ou seja, o professor crê em uma concepção baseada no tradicionalismo, em que a escola sirva somente para preparar moralmente e intelectualmente os alunos fora do seu contexto.

Na tendência progressivista, que defende uma escola que possa satisfazer os interesses dos alunos, adequando as metodologias de ensino de acordo com a necessidade discentes ou até mesmo de acordo com as etapas de desenvolvimento, e assim, ao longo da aprendizagem, o aluno irá aprender fazendo as atividades de acordo com seus interesses e que sejam principalmente motivadoras e desafiantes para que assim possa aprender mediante a descoberta.

Outra pergunta que abordei consiste em compreender o porquê do fracasso escolar acontecer. Diante da análise dos dados, percebo que a fala dos professores não está baseada somente em uma única visão de alguma tendência pedagógica ou em um único fator das causas. A fala desses professores para explicar a causa desse problema resulta em, dos 50 professores que responderam, 52% englobava a família, 16% a questão da sociedade e 36% baseados nas ideias da pedagogia progressivista.

A família do século passado comparada ao mundo contemporâneo de hoje, tem uma significativa mudança em relação aos papéis que têm com seus filhos. Pois se antes a mulher ficava somente em sua casa para cuidar e educar os seus filhos, hoje é diferente. Diante da liberdade conquistada pelas mulheres por ter o pleno direito de estudar e trabalhar, e também da necessidade para ajudar financeiramente a sua família. Tornando, desse modo, a responsabilidade de educar não somente dos pais, mas também da escola e comunidade de educar as crianças, muito bem explicitado na ECA (Estatuto da Criança e Adolescente 1990) e LDB (Lei de Diretrizes e Bases 1996).

Diante da importância da família na vida escolar dos seus filhos, é impossível negar o quanto que a relação dos pais com a escola é importante para aprendizagem das crianças de forma contextualizada. Nas respostas dos professores, 52% englobava em suas falas temas relacionados à falta de participação da família na vida escolar dos seus filhos, a seguir, algumas respostas:

“Muitas são as causas, entre elas estão a não presença da família no contexto escolar, salas cheias, material inadequado, ausência de cobrança da família com o aluno, isto é, o aluno não tem motivo para empenhar forças em seu processo de aprendizagem. A união escola/família é essencial.”(professor 5)

“Devido a desvalorização da educação. Hoje as pessoas não dão o devido valor a educação e também o fator sócio econômico dos educandos. Na maioria dos casos do fracasso escolar os pais dessas crianças não terminaram o de estudar.”(professor 22)

“Problemas familiares, psicológicos, metodologias inadequadas ou qualquer outro fator que interfere na aprendizagem do aluno.”(professor 25)

Muito tem a ver com a estrutura familiar doente, a não aceitação de alguma dificuldade apresentada pelo aluno, a negação das famílias em pedir ajuda, professores sem compromisso, muita invasão de outros profissionais querendo resolver tudo na educação...(professor 29)

“Diversos fatores podem colaborar para o fracasso escolar: deficit de atenção, transtornos globais do desenvolvimento, falta de apoio da família e acompanhamento íntimo dos pais, falta de materiais didáticos apropriados, tempo insuficiente para o desenvolvimento e intensificação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, professores não suficientemente preparados. Dentre tantas razões para o fracasso escolar, uma se sobressai e é a mais comum: falta de compromisso, interesse e dedicação dos alunos.”(professor 40)

A família, de acordo com esses professores, seria uma grande influência na vida dos alunos, e assim, uma família bem estruturada e envolvida com a escola do seu filho é sinônimo de um possível sucesso escolar. Tal relação é considerada importante para a aprendizagem do aluno desde muitos séculos atrás, inclusive, a família já foi considerada o único fator para justificar o fracasso escolar do aluno, seja pela chamada carência cultural ou pela desestrutura que a família oferecia aos seus filhos

(PATTO,1990). Hoje em dia, a família só é um dos fatores que podem tanto prejudicar ou melhorar a relação dos alunos com a escola.

O professor 22 relaciona a questão socioeconômica e o nível de escolaridade dos pais com o rendimento escolar dos seus filhos, que quanto menor a escolaridade que os pais tiverem, menor será o desempenho das suas crianças nas escolas. No entanto, Palácios (2004) afirma que alunos com pais de baixo nível educacional, mas com ideias menos tradicionais em relação ao seu filho, têm maiores probabilidades de êxito na cultura escolar. Isto é, pais que têm altas expectativas com seus filhos, que acreditam que a liberdade é a fonte de criação e produção da criança e que vê o seu filho como um ser em grande potencial para crescer, é uma das principais influencias que podem ajudar na aprendizagem das crianças. Além disso, no que se refere a aprendizagem, não há regras de como aprender, pois o homem é um ser surpreendente e inovador. Não é possível rotular ou determinar que o meio social e econômico baixo ou alto determinará a aprendizagem do sujeito.

O professor 29 crê que a simples negação da família sobre as dificuldades de aprendizagem do seu filho apresentados pelos professores, pode desencadear um possível fracasso escolar. Nesse panorama, a disputa entre a família e o professor em relação qual é a melhor forma de não tornar o fracasso escolar existente, aparenta ser uma tarefa cujas estratégias são difíceis de concretizar. Pois, o que o professor pode fazer se não tem o reconhecimento e ajuda da família sobre as dificuldades do seu filho. Ou quando a família acredita que o seu filho não tem nenhuma dificuldade e impõe a culpa no professor e na escola pelo fracasso do seu filho.

A resposta do professor 40 reflete no discurso que há tempos vem construindo para justificar o fracasso escolar, que o aluno é culpado pelo seu próprio fracasso.

Falta de interesse, dedicação e compromisso do aluno são fatores recorrentes de um ensino que não faz sentido para o contexto social do aluno, ou até mesmo a precária relação entre discente e docente, que de alguma forma o trabalho do professor precisa ser visado, já que:

O trabalho docente se caracteriza por um constante vaivém entre as tarefas cognitivas colocadas pelo professor e o nível de preparo dos alunos para resolverem as tarefas. Para isso o professor deve cuidar de apresentar os objetivos, os temas de estudo e as tarefas numa forma de comunicação compreensível e clara. Deve esforçar-se em formular perguntas e instruções verbais que os alunos possam entender. Não se espera que haja pleno

entendimento entre professor e alunos, mesmo porque a situação pedagógica é condicionada por outros fatores. Mas as formas adequadas de comunicação concorrem positivamente para a interação professor-aluno (LIBÂNEO, p.250, 1994).

Sendo assim, a relação professor-aluno é relevante para possibilitar ao aluno um ensino mais interessante, e assim, o aluno não precisará ser obrigado a dedicar-se por algo estranho e sem sentido.

Em vista disso, quando o aluno é visto como responsável pelo seu próprio fracasso é de admitir que é ele que deve se adequar à escola, e somente ele para procurar sentido em suas aulas. Mas, perceber o aluno como um sujeito que não tem culpa, é acreditar que a escola deve se adequar ao seu contexto, e para possibilitar o interesse, dedicação e compromisso do aluno, começa na relação entre ele e o professor, que mediante o seu trabalho docente, poderá contextualizar e tornar o ensino muito mais significativo.

Precedendo as análises, 36% dos professores afirmaram que o fracasso escolar acontece quando o professor vê sua turma de forma homogênea, e conseqüentemente, nega as necessidades e diferenças de cada aluno. A seguir, algumas respostas desses professores:

“O fracasso escolar, a meu ver, se estabelece quando as aulas tendem a homogeneizar as turmas. O olhar atento e individual a nossos alunos faz a diferença. cada um tem seu tempo e modo particular de processar a aprendizagem, as subjetividades e identidades precisam ser respeitadas.”(professor 20)

“Quando não existe observação individualizada e a inclusão do aluno (independente da dificuldade) em sala e socialmente, o aluno pode se sentir fracassado e o professores tbem.... Cada criança e uma criança e devemos ajuda-la a superar as dificuldades.”(professor 33)

“Porque a escola não respeita o modo e tempo de aprendizagem do aluno. Se ele não aprende determinada quantidade de conteúdos no tempo esperado e da maneira esperada, a escola considera ele como fracassado.”(professor 34)

A fala desses três professores tem em comum no reconhecimento que a falta de um olhar mais atento e individual de uma turma como um conjunto de seres humanos singulares, diferentes e com necessidades distintas pode desencadear um possível

fracasso escolar. Crê que todos os alunos possam aprender se for adequado às suas necessidades. Esse é um dos fatores que podem auxiliar o fracasso escolar caso o professor não tenha esse cuidado de ter um olhar mais atento aos seus alunos.

Desse modo, ao questionar e refletir sobre suas práticas em sala de aula, o professor planeja e organiza o trabalho que pretende realizar com os seus alunos. Ele encontrará a maioria das especificidades dos grupos de alunos e conseqüentemente pensará num trabalho mais individualizado, com atividades mais próximas do contexto e capacidade individual do aluno, cujo objetivo é de consolidar os conhecimentos prévios, de mobilizá-los e transferi-los em uma aprendizagem significativa e superior. Dessa forma, o aluno ao sentir-se protegido, o professor será mediador da aprendizagem do aluno, que irá adquirir com o tempo muito mais autonomia e acreditar ser capaz de construir a sua própria aprendizagem. Isto é, diante do caráter homogeneizador e monocultural que a escola vem produzindo há séculos, torna-se necessário uma construção de práticas educativas em que o multiculturalismo e as diferenças de cada sujeito façam cada vez mais presentes (CANDAUI, 2010). Desse modo, a escola deve ser um espaço que haja um cruzamento de culturas, em que ela pode conferir uma identidade e autonomia mediante a reflexão das influências que as culturas exercem entre nós.

Em continuidade com a análise da pergunta sobre o motivo pela qual o fracasso escolar acontece, os 16% dos professores afirmaram que o fracasso escolar acontece por causa da sociedade em que vivemos e nos influenciam indiretamente nos nossos atos e o modo de ver o mundo.

A sociedade contemporânea tem como principal característica a cultura do excesso, de possuir sempre mais os bens materiais, que são coisas consumíveis e descartáveis. O ser humano vive numa esfera rodeada de complexidades e contradições em sua vivência existencial. Pois, enquanto o tempo é consumido pelas nossas obrigações e as interações empobrecidas pela tecnologia, a sociedade contemporânea tenta preencher essa vazia existencial por meio da promoção do consumo para temporariamente aliviar a nossa importante existência.

A seguir, algumas respostas desses professores:

“Sociedade de consumo altamente mecanizada escravizada em aparências e vazia em valores e em silêncios criativos. A ansiedade é transmitida e contagiante a começar pelos professores nem sempre conscientes de sua importância e influência, além claro de serem muito pouco remunerados.” (Professor 48)

“Falta de educação da sociedade. O que ocorre é uma falta de educação humanista, com valores humanistas. Pois, o que temos é uma exarcebada educação técnica como fruto de um pensamento "técnico" em nossa sociedade ocidental. Um tipo de sociedade consumista, com ideologia consumista, gera um tipo de ser humano medíocre e alienado, e isso torna ainda mais difícil a função de ser professor, ou seja, gerar esclarecimento e possibilidade de pensar a sociedade repensando seu papel sobre ela, e repensando seu futuro.”(professor 44)

Ambos os professores percebem que a própria sociedade é um dos fatores do fracasso escolar do aluno. Diante da propagação de ideias de ser feliz é aquele que consome, e que constantemente deve-se adquirir bens materiais para conseguir atingir uma ilusória felicidade, ou seja:

Consumimos sempre mais, mas nem por isso somos mais felizes. O mundo tecnicista proporciona a todos uma vida mais longa e, em termos materiais, mais cercada de confortos. É algo que devemos considerar. Porém, isso não equivale à felicidade em si, que tenazmente escapa do poder de apreensão humana. (LIPOVETSKY, p.51, 2007).

A sociedade que vivemos está baseada no sistema capitalista, e conseqüentemente, o consumismo se torna uma prática comum e que interfere no nosso olhar ao ver o mundo. Isto é, é mais importante ter ou possuir bens materiais do que simplesmente valorizar a pessoa pelo que ela é. Isto é, as pessoas muitas vezes são julgadas no que elas possuem, ignorando a subjetividade e o modo de ser da pessoa.

Isso traz grandes riscos, pois a sociedade vai tornando medíocre e fútil nessa intensa obsessão por coisas materiais.

Nesse caso, esses dois professores percebem essa interferência como um dos principais fatores para o fracasso escolar, mas se esquecem que são eles mesmos que podem mudar o modo do aluno ver o mundo e agir nele diante de autonomia e reflexão. Pois o professor é um sujeito que capacidade de fazer com que o aluno tenha uma visão muito mais ampla crítica do mundo que vivencia ativamente. É o professor que poderá proporcionar ao seu aluno desenvolver capacidade e habilidades para que o aluno haja em seu meio social com um olhar crítico. Enfim, o professor pode e deve formar seu aluno diante das propostas da educação básica.

A PORTA DE SAÍDA PARA O FRACASSO ESCOLAR SEGUNDO OS PROFESSORES

Pensar em possíveis soluções para um problema tão complexo que perdura há séculos na educação brasileira não é uma tarefa fácil de resolver. Pois o fracasso escolar tem diversas origens que é até mesmo impossível de descobri-las diante da complexidade.

Há várias ideias e projetos políticos com intuito de reduzir ou extinguir o fracasso escolar, mas poucas ações concretas sendo realizadas para solucionar o problema.

Desse modo, irei analisar algumas respostas da pergunta , **como o fracasso escolar pode ser solucionado?** Posso afirmar que todos os 50 professores creem que a solução para o fracasso escolar não envolve somente um fator determinante, mas vários fatores. Em suas falas, predomina os 36% sobre a participação da família na vida escolar do seu filho, valorizar o saber do aluno 18%, as metodologias adequadas às necessidades do aluno 32%, e por fim, 30% sobre a valorização dos professores e políticas de melhorar a educação.

A seguir, algumas respostas dos professores que afirmam que uma boa política voltada para a educação e a valorização dos professores poderiam ser a solução para o fracasso escolar:

“Políticas educacionais, com a melhoria na formação dos professores, além de reduzir o número de alunos em sala de aula, maior apoio da gestão e da família.”(Professor 6).

“O fracasso escolar pode ser resolvido quando a educação for prioridade em nosso país, com investimento na Formação de professores e gestores e políticas públicas que torne a escola mais atraente para todos os envolvidos em seu contexto, bem como melhoria da estrutura física.”(Professor 12).

“Sempre salientando que estou me referindo a escolas públicas, um modelo mais profissional, sério e competente de administrar, menos burocracia no repasse de verbas para melhoria da infra-estrutura e aumento da valorização dos professores, com capacitações periódicas, incentivos não necessariamente financeiros, mas algo que soasse respeitoso com o trabalho bem realizado, e MUITO CUIDADO NO ENSINO DAS SÉRIES INICIAIS” (Professor 16).

Na fala desses professores, percebe-se a cobrança de políticas públicas tanto para a boa formação e valorização dos professores, quanto na urgência de reformas em estruturas físicas para melhorar o trabalho em sala de aula. Além de tornar uma escola mais atraente e inclusiva para qualquer aluno.

A política educacional sempre esteve atrelada às boas intenções e poucas ações. Enquanto que as grandes autoridades reconhecem a importância da educação, suas ações simplesmente não refletem em seus discursos. Além disso, a política pública, na maior parte, focaliza mais a quantidade do que a qualidade, tornando estatísticas como uma prova de que a educação está indo bem.

Enquanto isso, a formação e valorização do professor sempre esteve atrelada à ideia de ser um avanço para a educação. Apesar de ser consenso entre a maioria das pessoas, na atualidade ainda é bem distante a concretização na realidade.

Em prosseguimento à análise, 36% dos professores afirmaram na predominância das suas falas que a solução para o fracasso escolar seria a participação da família na escola.

Acredito que deve ser importante a família se relacionar com a escola do seu filho, no entanto, até que ponto a família deve participar, ou, qual participação estamos nos referindo? Essas e outras indagações servem para refletir sobre relação tão defendida entre os professores, mas ao mesmo tempo tão pouco praticada. A seguir, algumas respostas de professores:

“O fracasso escolar pode ser solucionado com boas estratégias e para ter boas estratégias pedagógicas o profissional de educação tem que ser capacitado. Capacitação é "gap" da educação brasileira. Levar os pais para dentro da escola. Dividir com os pais a educação dos filhos é o caminho para a sociedade ver a escola como meio de alcançar a autonomia e não como mero depósito de crianças.”(Professor 14).

“O fator família pode ser um diferencial na vida acadêmica de um aluno. Os pais devem participar intimamente da vida escolar dos filhos. A concepção de mundo e da importância dos estudos dos alunos também é um fator que deve ser trabalhado, visto que, na minha opinião, o principal motivo do fracasso escolar é o desinteresse, falta de estímulo e dedicação dos alunos. Em algumas circunstâncias a metodologia empregada pelo professor também deve ser adaptada a realidade do alunado.”(Professor 29)

Os dois professores acreditam que a família, entre vários fatores citados, é um dos fatores que podem ser a solução para o fracasso escolar, em que os pais envolvidos com a educação dos seus filhos seriam um diferencial. No entanto, será que os pais envolvidos com o ensino dos seus filhos é o suficiente para a criança ter sucesso escolar? Talvez não, pois as expectativas e a visão fora do tradicional olhar do aluno pode ser um grande diferencial para o aluno.

Valorizar os saberes dos alunos engloba nas falas dos 18% dos professores que acreditam ser essa a solução para o fracasso escolar, a seguir algumas respostas:

“Com uma possível e difícil mudança cultural sobre o papel da escola na vida das pessoas, transformando assim, o aluno no verdadeiro centro da escola, independente de sua personalidade ou necessidades. É a escola se adequando ao aluno que chega e não o aluno se moldando à escola e sua reprodução dos sistemas.” (Professor 1).

“A responsabilidade do fracasso escolar não recai só sobre o aluno, há que se pensar em toda a questão pedagógica. Se aceitamos que somos seres humanos e como tais nos construímos diferentes, faz-se necessário práticas pedagógicas que valorizem e aproveitem toda a bagagem de conhecimentos construída pelo aluno durante sua trajetória extra-escolar.” (Professor 37).

Ambos os professores veem o aluno como um sujeito singular, ativo e constituído contextualmente em seu meio social por meio das suas interações. Sendo assim, o fracasso escolar poderia ser solucionado mediante a contextualização da escola com as vivências dos alunos, e ao professor caber-lhe-ia adequar os conteúdos aos saberes produzidos pelos alunos, para que possa tornar uma aprendizagem muito mais significativa.

Por fim, as metodologias adequadas às necessidades do aluno englobou 32% da fala dos professores. Isso demonstra a preocupação dos professores na prática de sala de aula, que uma boa metodologia adequada às necessidades dos alunos significa avanço e possíveis sucesso para a aprendizagem dos alunos em suas vidas escolares. A seguir algumas respostas.

“Primeiramente deve-se olhar cada aluno de acordo com seu potencial de aprendizagem e sua capacidade. Não adianta querer que todos façam as mesmas atividades da mesma forma e no mesmo tempo, pois sempre há aquele que demora mais, que precisa de alguma explicação mais detalhada e quando isso não é oportunizado, o aluno pode não ter plena aprendizagem.” (Professor 3).

Através do compromisso de cada profissional em trabalhar atividades diferenciadas ou com objetivos diferentes com alunos de níveis não iguais. Compromisso familiar, uma família bem estruturada onde a criança se sinta segura. (Professor 47).

“Uma sugestão para a solução seria fazê-los se apaixonar pelo aprender...que eles descobrissem a magia do saber e se encantassem com as nossas aulas...e que estas não fossem enfadonhas, que despertassem nesse aluno a vontade de vencer e não de fracassar. Enfim que se valorizasse o seu conhecimento prévio e de mundo, assim aproximando e estimulando para o aprendizado. Por fim a família mais presente na escola e acompanhando o seu filho em casa também, é um excelente motivo para se avançar...já que todos precisamos caminhar juntos em prol de uma educação que valoriza e transforma seres.”(Professor 48)

Os dois professores compreendem que a forma de ensinar implica diretamente na aprendizagem dos seus alunos. Sendo assim, a metodologia adequada às necessidades do aluno poderia ser uma das soluções para o fracasso escolar.

Desse modo, a escola se torna um atrativo para o aluno, conseqüentemente o interesse possivelmente poderá aumentar, e assim, os professores baseados nessa concepção acreditam que todo aluno é diferente e que não há dificuldades de aprendizagem, somente existem alunos que aprendem com metodologias e técnicas diferentes e adequadas ao seu desenvolvimento, tornando assim o trabalho do professor muito mais estratégico e ao mesmo tempo um pesquisador em prol de uma melhora em suas práticas em sala de aula, desse modo:

[...] as teorias baseadas na psicologia cognitiva contemporânea que vêem o aprendiz como um produtor. Ele constrói as sentenças de que precisa, formula e testa suas hipóteses sobre o funcionamento da língua, e faz tudo isso através do uso ativo da linguagem. Neste caso, é difícil saber exatamente como o aluno está aprendendo porque ele está construindo seu próprio conhecimento. Os resultados são mais efetivos mas precisam de mais tempo para aparecer já que o conhecimento precisa de tempo para ser construído.
(COSCARELLI, 1998, p.23)

PRINCIPAIS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O FRACASSO ESCOLAR DE ACORDO COM OS PROFESSORES

A base desse subcapítulo é a pergunta fechada que solicitava aos 50 professores que indicasse o grau de cada fator que pode contribuir para o fracasso escolar do aluno. Essa pergunta tem como principal intenção verificar o grau de cada fator de forma direta e seletiva, para que assim, possa analisar melhor. A seguir, o quadro que demonstra as respostas dos professores:

Tabela 2: Grau de fatores que contribuem ou não para o fracasso escolar.

	CONTRIBUI MUITO	POUCO CONTRIBUI
Família	91%	9%
Metodologia do professor	82%	18%
Escola (estrutura física e materiais didáticos).	76%	24%
Currículo escolar	75%	25%
Gestão escolar	75%	25%
Avaliação	74%	27%
Condições de vida do estudante	73%	28%

*Jéssica Rosa Marques

A família aparece entre os fatores que mais contribuem para o fracasso escolar, um fator que Patto(1990) e Paro(2001) criticam quando a família era a responsável pelo fracasso do seu filho, que em determinadas épocas a família era culpada por causa da sua genética, e depois era culpada pelo ambiente e estrutura familiar, que promovia a carência cultural. Desse modo, apesar da família ser importante para estabelecer uma relação construtiva e rica juntamente com a escola, ela não é o fator que pode determinar o sucesso ou fracasso da criança, simplesmente porque é a obrigação da escola proporcionar um ensino de qualidade para seus alunos e alunas, independentemente da sua situação socioeconômica ou da estrutura da família.

A metodologia ficou em segundo lugar e a escola(estrutura física e matérias didáticos) em terceiro lugar. Isso demonstra o quanto que o professor está preocupado com a sua prática de sala de aula, ou seja, o que adianta o professor querer usar uma

determinada metodologia se a escola não tem estruturas ou materiais para aplicá-los? Isto é, as metodologias são importantes e requerem suportes para que seja possível. Além disso, toda prática docente requer uma metodologia, e toda metodologia tem suas intencionalidades.

Outro fator que achei relevante é a condição do aluno ficar em último lugar que contribui para o fracasso escolar. Acredito que esses números, apesar de serem grandes, é uma mudança quando se analisa o quanto que o aluno era culpado pelas condições (PATTO, 1990), e hoje o currículo escolar, gestão, metodologia e avaliação aparenta ser fatores que esses professores acreditam ter uma maior contribuição para o fracasso escolar do que a própria condição do aluno. Isto é, uma pequena mudança que faz muita diferença e que reflete a formação que os professores estão tendo com a sua prática de sala de aula.

O professor, portanto, torna-se mediante vários fatores o ser professor, que é sujeito em constante construção sobre a concepção que terá do ensino, aprendizagem e o fracasso escolar do aluno, refletindo diretamente em sua prática em sala de aula. O professor de hoje está muito mais envolvido na necessidade de englobar as disciplinas obrigatórias com a realidade dos alunos, para que seja no mínimo possível uma aprendizagem significativa e interessante para o aluno, além disso, o professor não só precisa se preocupar com diversas metodologias e técnicas de aprendizagem, mas também precisa se preocupar, refletir sobre os seus atos, procurar as causas das suas angústias e dialogar com outros profissionais os conflitos e problemas que não consegue sanar. Pois “procurar desvelar as causas que impactam o desenvolvimento dos saberes, com fins a redimensionar o fazer pedagógico, propiciando meios para auto-reflexão do professor, estimular o olhar para si mesmo como um espelho que reflete a verdade (RODRIGUES, CERQUEIRA. p. 179). Desse modo, o professor de hoje precisa estar constantemente atualizado e vivenciar as mudanças que ocorrem hoje em dia com um olhar mais voltado para reflexão, para que assim, os alunos aprendam também a olhar o mundo com outra visão mais reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fracasso escolar é um tema complexo e de variadas interpretações que podem variar de acordo com o tempo histórico, do professor, sua formação e experiência na construção sobre esse tema. Diante disso, mediante análise teórica e pesquisa, posso dizer que a maioria dos professores de hoje tem a concepção do fracasso escolar baseados em diversos fatores que podem tanto causar quanto solucionar o fracasso escolar. Fatores esses que refletem na própria sala de aula, nas relações familiares e até na crença de que algum dia haja políticas públicas que preocupem mais com qualidade do que com a quantidade do ensino e aprendizagem do aluno.

No entanto, ainda há professores que culpa o aluno pelo seu próprio fracasso, como a resposta dessa professora:

“Na minha concepção não há o fracasso escolar, mas a imaturidade de alguns alunos, além da condição sócio econômica na qual ele está inserido. Penso que alguns alunos as vezes não tem maturidade para prosseguir em outra etapa e deveria ficar retido nela mais um ano. Neste sentido ele teria mais um ano para sanar estas dificuldades.”(PROFESSOR 43)

Enquanto existem outros professores que afirmam que ensinam, mas por falta de reciprocidade dos seus alunos, eles não aprendem:

“O fracasso escolar se dá quando há a intenção do professor em ensinar, e prover esclarecimento, e não há uma reciprocidade por parte de sua turma. Dentre outros fatores que influenciam no fracasso escolar, tais como: péssimas instalações escolares, falta de recursos que auxiliem o professor em sala de aula, baixos salários, etc. Há também uma falta de perspectiva por parte dos alunos em relação a seu futuro e com isso ele não percebe a importância da educação na sua vida. Particularmente eu tento elucidar os alunos sobre a importância de ser um sujeito crítico em nossa sociedade e em seguida eu lhes informo sobre a importância de sua preparação para o vestibular” (PROFESSOR 29).

Essas e outras respostas demonstram que ainda existem professores que responsabilizam o aluno pelo seu próprio fracasso. Diante do olhar docente, a prática em sala de aula provavelmente irá refletir nessa concepção que o professor tem sobre o fracasso escolar. Desse modo, o professor apenas afirma que apesar de ensinar, o aluno não aprende, tornando tal afirmação ambíguo, já que não pode haver ensino se não houve aprendizagem.

Desse modo o professor nem sempre reconhece que cada aluno é singular com necessidades distintas e que precisa adequar suas metodologias para que haja uma real aprendizagem significativa.

Enquanto isso, vários professores de hoje reconhecem que ele próprio pode mudar esse panorama ou simplesmente contribuir para o fracasso do seu aluno, ou seja, tudo vai depender da sua prática em sala de aula, e o seu olhar sob o aluno.

“O fracasso muitas vezes atribuímos ao aluno erroneamente, no entanto, em sua maioria está no professor. O não fazer o seu trabalho direito e o não acreditar que é possível uma educação pública de qualidade (nesse caso, pública). Devemos sair da nossa zona de conforto, nos qualificarmos mais. O aluno não possui o nosso conhecimento se soubesse não seria aluno, ele não tem a obrigação de chegar na escola sabendo, o professor está ali para ensiná-lo.” (PROFESSOR 21)

Acredito que essas variadas concepções refletem na própria formação do professor, que muitas vezes está baseada na defesa de uma educação para todos e de qualidade, e ver o fracasso escolar como um problema recorrente que precisa ser solucionado. Soluções essas que perpassam a própria prática na sala de aula de forma diferente de acordo com a concepção que cada docente tem sobre o fracasso escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição (1998)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 2005.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Estudo do INEP mostra que 41% dos estudantes não terminam o ensino fundamental**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias> Acesso em: 28 setembro 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de Carvalho. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In Aquino, Groppa Julio (org,) **Erro e Fracasso na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo : Summus, 1997.

COSCARELLI, C. V. Os alunos aprendem o que os professores ensinam? In: Gonçalves, Gláucia, Ravetti, Graciela (Orgs.). **Lugares Críticos**. Belo Horizonte: Orobó, UFMG, 1998.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubens. **Fomos maus alunos**. 9ªed. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa: São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil**. 4ed, São Paulo: Cortez, 2005.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação científica**. 3. ed. Campinas, SP: Alínea, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo : Cortez, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Trad. De Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2007.

MAINARDES, Jefferson. **Escola em ciclos: fundamentos e debates** . São Paulo:Cortez,2009.

Martini, M. L., & Del Prette, Z. A. P. **Atribuições de causalidade de professoras do ensino fundamental para o sucesso e o fracasso escolar dos seus alunos**. In: Revista Interação em Psicologia, 2002.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Coord.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PARO,Vitor Henrique. **Reprovação Escolar: renúncia à educação**. 2ºed:Xamã, 2003.

PATTO, Maria Helena. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

RODRIGUES, Silvia Souza de Miranda; CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **Sujeito, subjetividade e sofrimento docente**. In Cerqueira, Teresa Cristina Siqueira (org.) **Representações sociais e subjetividade: inter-relações em educação**. 1ed. Brasília: Thesaurus, Uniplan, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3ed, Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SIBILIA, Paula. **Rede ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. **Sistema de crenças do professor em relação ao sucesso e fracasso de seus alunos(o).** Brasília, 1994.

WACHOWICZ Lílian Anna. **A Dialética na Pesquisa em Educação.** Revista Diálogo Educacional - v. 2 - n.3 - p. 171-181 - jan./jun. 2001